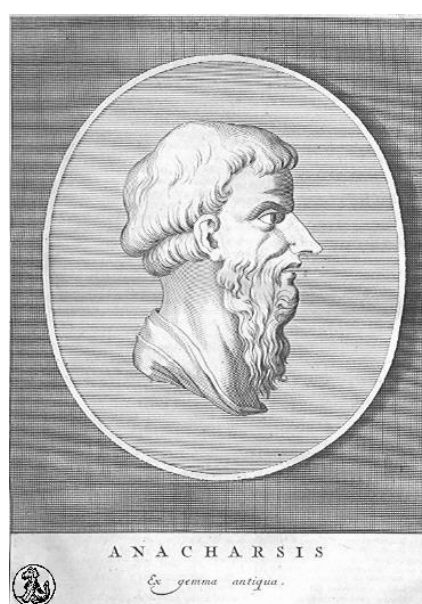


**CATARINA LOPES ARQUEIRO**

***Anacársis ou Sobre os exercícios físicos***

**Luciano de Samósata**



**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**FACULDADE DE LETRAS**

**2011**

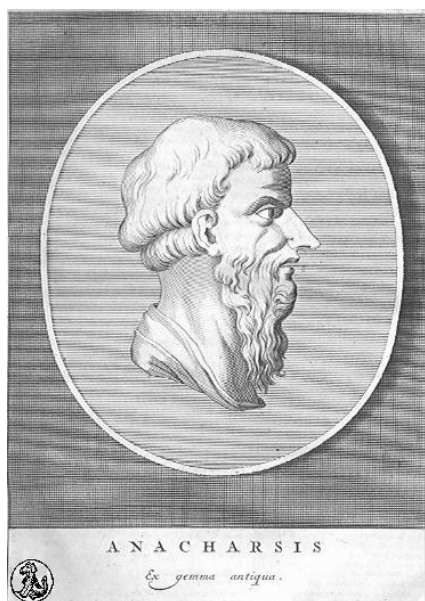


**CATARINA LOPES ARQUEIRO**

***Anacársis ou Sobre os exercícios físicos***

**Luciano de Samósata**

Introdução, tradução do Grego e notas



Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos, na especialidade de Poética e Hermenêutica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Doutora Maria do Céu G. Z. Fialho e do Doutor Delfim F. Leão.

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**FACULDADE DE LETRAS**

**2011**



## ARETE

Há um apólogo que diz  
que Arete habita em rochedos inacessíveis,  
na companhia de um coro sagrado de céleres ninfas.  
Porém não é visível aos olhos de todos os mortais,  
- apenas aos daqueles que, alagado o suor que devora o  
ânimo,  
chegar ao cume, graças à sua coragem.

(frg. 37 Diehl - trd. de ROCHA PEREIRA)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, ao Professor Doutor Delfim F. Leão e à Doutora Maria do Céu G. Z. Fialho, agradeço o apoio, as sugestões, a disponibilidade e a confiança depositada, ao terem aceitado o desafio de orientar esta dissertação e também pelo rigor manifestado no decurso do trabalho. Por tudo, manifesto o meu profundo reconhecimento.

Agradeço à minha família as manifestações de afeto e de incentivo.

Agradeço a todos os que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este trabalho se tornasse possível.

## RESUMO

O tema central deste trabalho relaciona-se com a paideia, mais propriamente com a importância dos exercícios físicos na educação dos jovens na Grécia antiga. Trata-se de um tema atual, uma vez que a prática de atividades físicas assume na sociedade contemporânea grande destaque, não apenas em contexto educativo, constando dos currículos escolares, como social, para um desenvolvimento saudável e equilibrado.

Da presente tese constam duas partes. Da primeira parte, na introdução, constam os dados biográficos do autor da obra em estudo, Luciano de Samósata, e um breve enquadramento histórico na época em que viveu, bem como no movimento cultural em que se insere, a Segunda Sofística. Segue-se a apresentação de *Anacársis ou Sobre os exercícios físicos*, uma caracterização geral da obra para que a sua leitura se torne mais clara e profunda. E, uma vez que a obra aborda vários aspetos ligados à cultura, esta primeira parte também integra uma abordagem ao modelo educativo, com especial destaque para o tema central - os exercícios gímnicos; por conseguinte, o modelo que se pretende atingir (*kalos kai agathos*), os espetáculos atléticos e uma breve alusão ao modelo espartano, pois é tido como exemplo na obra. Seguem-se considerações sobre os protagonistas do diálogo, Anacársis e Sólon, bem como sobre o povo cita. Esta primeira parte finda com uma conclusão sobre o autor e a obra.

A segunda parte é dedicada à tradução da obra deste autor, sírio helenizado da época Imperial. A tradução foi feita a partir da obra original grega e contém notas que permitem esclarecer o leitor sobre determinadas questões relativas, essencialmente, ao enquadramento cultural e histórico. Trata-se de um diálogo satírico entre Anacársis, sábio cita, que nos descreve em tom crítico o que se passa à sua volta, e questiona costumes diferentes dos seus, os quais não entende, e o sábio legislador Sólon, que tenta esclarecê-lo sobre determinadas práticas e instruir o estrangeiro quanto a costumes helénicos.

Palavras-chave: arete, atleta, exercícios físicos, ginásio, paideia, Segunda Sofística.

## ABSTRACT

The central theme of this work relates to the paideia, and more specifically with the importance of exercise in educating young people in ancient Greece. It is a current theme, since the physical activity assumes great prominence in contemporary society, not just in an educational context, consisting of school curricula, and social, to develop a healthy and balanced.

Of this thesis included two parts. The first part, in the introduction, contains the biographical data of the author of the study, Lucian of Samósata, and a brief historical background at the time they lived as well as the cultural movement in which it operates, the Second Sophistic. It follows the presentation of *Anacharsis or About exercises*, a general characterization of the work for their reading becomes more clear and profound. And since the book covers various aspects related to culture, this first part also includes a model approach to education, with special emphasis on the central theme - gymnastics exercises, and therefore the model to be achieved (*kalos kai agathos*), the athletic performances and a brief allusion to the Spartan model, it is taken as an example in the work. The following are considerations for those involved in the dialogue, Anacharsis and Solon, as well Cita people. This first part ends with a conclusion about the author and the work.

The second part is devoted to the translation of works by this author, the Hellenized Syrian Imperial era. The translation was made from the Greek original work and contains notes that allow the reader to clarify certain issues, mainly the cultural and historical framework. It is a satirical dialogue between Anacharsis, wise cita, which describes the critical tone of what is happening around them, and questions of their different customs, which do not understand, and the wise lawgiver Solon, who tries to tell you about certain practices and instruct the foreign customs as the Hellenes.

Keywords: arete, athlete, physical exercises, gym, paideia, Second Sophistic.

# ÍNDICE

## Parte I

### Introdução

#### I – Autor

- 1. Dados biográficos p. 1
- 2. Luciano e a Segunda Sofística p. 4

#### II - *Anacársis ou Sobre os exercícios físicos*

- 1. Caracterização geral p. 15
- 2. Modelo educativo
  - Kalos kai agathos* p. 21
  - Espetáculos atléticos p. 24
  - Modelo espartano p. 27
- 3. Personagens p. 29
  - Anacársis p. 30
    - Os Citas p. 34
  - Sólon p. 35

#### III – Conclusão p. 37

## Parte II

### TRADUÇÃO p. 40

### Bibliografia p. 67

# INTRODUÇÃO

## I - AUTOR

### 1 - DADOS BIOGRÁFICOS

Luciano de Samósata, autor do período imperial, terá nascido por volta de 125 d.C. em Samósata, na província romana da Síria<sup>1</sup>, capital do antigo reino de Comagene, a norte, à direita da margem do rio Eufrates, e terá morrido pouco depois de 180, talvez em 190 em Alexandria, Egito. Decerto, pouca coisa se sabe a respeito de sua vida, mas o apogeu da sua atividade literária transcorreu na segunda metade do séc. II d.C., entre 161 e 180, durante o reinado de Marco Aurélio. Poucos anos antes de terminar o reinado de Marco Aurélio, com cerca de 60 anos, a sua atividade literária escasseia.

De origem possivelmente semita, a sua língua materna deve ter sido o aramaico, e, tal como muitos outros intelectuais da época Imperial, aprendeu a língua grega nos bancos escolares. Muitas informações de que dispomos provêm essencialmente da *Suda*<sup>2</sup>, mas grande parte dos dados biográficos conhecidos são os que o autor nos faz saber ao longo das suas obras, informações escassas e dispersas que permitem reconstruir a sua vida, de origem humilde.

No diálogo *Eunuco* (13) é-nos dada a indicação de ter um filho ainda jovem.

Refere a tradição familiar, do avô e de dois tios maternos, ligada à escultura, arte manual que quis deixar em prol de uma vida como homem de letras. Este desejo é-nos relatado num sonho, suposto episódio biográfico, em *O sonho* ou *A vida de Luciano*, obra em forma de debate e a mais significativa em termos autobiográficos, em que duas mulheres personificadas nos surgem a discutir<sup>3</sup>, é a Escultura (*Hermoglyphike*) e a

---

<sup>1</sup> Atual Samsat, na Turquia.

<sup>2</sup> No século X, em Constantinopla, aparece esta obra coletiva de grande interesse da Antiguidade grega, trata-se assim de uma compilação de obras e personagens classificadas de forma inovadora por ordem alfabética que se apresenta como a primeira enciclopédia. Apesar de várias imprecisões e erros, contém informações inestimáveis, uma vez que os seus autores tiveram acesso às numerosas fontes agora perdidas.

<sup>3</sup> Motivo conhecido na literatura grega.



Cultura (*Paideia*). Cada uma, rivalizando pela posse do jovem, apresenta argumentos<sup>4</sup> para que Luciano possa decidir qual delas acompanhar. Opta por acompanhar Paideia, seduzido pela formação moral e intelectual que o conduzirá ao reconhecimento social, através da retórica, a arte que prevalece sobre todas as outras; será o momento em que opta pela carreira como homem de letras, retórico e sofista. Este episódio resulta de acontecimentos vividos no dia em que desastrosamente acompanha o tio na arte da escultura<sup>5</sup>.

Os dados relativos à sua vida são muito incompletos, tudo o que sabemos sobre a sua família e infância são os dados contidos neste diálogo; ao lado da ficção, facilmente identificável, existem dados indubitavelmente autobiográficos. Não nos diz nada acerca de seu pai, mas provavelmente este exerceria um ofício manual. Desde o início do discurso que se percebe que é pobre e que tinha a preocupação de colocar o filho como aprendiz (1) junto do tio, ofício que deixa para trás por falta de jeito. Sobre a sua mãe, sabemos que pertencia a uma família de artesãos, era filha de um fabricante de estatuetas e dois irmãos seguiram esta vida profissional.

A aprendizagem da escultura acabou mesmo antes de ter começado, tendo por isso continuado a estudar. Como Samósata já não respondia às suas necessidades intelectuais, foi enviado durante alguns anos, bastante decisivos e influentes, para a Jónia<sup>6</sup> (3,4). Porém, dada a sua condição financeira, dificilmente terá recebido instrução dos retóricos mais ilustres, a sua iniciação terá estado a cargo de outros menos ávidos e do seu próprio estudo dos modelos de eloquência clássica<sup>7</sup>.

Em *Dupla Acusação* ou *Os Julgamentos* sabemos que Luciano terá sido advogado em várias regiões: Ásia Menor, Grécia, Itália e Gália, onde atingiu o reconhecimento e fortuna<sup>8</sup>, recebendo um salário público na qualidade de professor de retórica. Foi

---

<sup>4</sup> A obra assume carácter de discurso judicial, λόγος δικανικός, um dos géneros mais produtivos da prática retórica. Ver GÓMEZ, 2001, p. 115.

<sup>5</sup> *O sonho* ou *A vida de Luciano*, MAGUEIJO, *LUCIANO I*, 2001-2007.

<sup>6</sup> Por Jónia entende-se a costa ocidental da Ásia Menor.

<sup>7</sup> CROISET, 1882, Cap. I.

<sup>8</sup> *O que se passou na Grécia e na Jónia ainda não é nada, mas, quando decidi passar para a Itália, atravessei com ele o Mar Jónico. Finalmente, parti daí com ele até à Gália, onde fiz com que juntasse uma fortuna.* (27), in: MAGUEIJO, *LUCIANO III*, 2008-2009.

antes de se fixar em Atenas, com a sua família, que começou a exercer a profissão de advogado em Antioquia e na Síria.

Luciano, sírio helenizado, ter-se-á fixado na capital da cultura durante cerca de vinte anos (165-185 d.C.), com aproximadamente quarenta anos e já amadurecido pelas viagens, escreveu em grego e tornou-se conhecido pelos diálogos satíricos. Satirizou e criticou acidamente os costumes e a sociedade da época e exerceu a partir da Renascença significativa influência em escritores ocidentais do porte de Erasmo, Rabelais, Quevedo, Swift, Voltaire e Machado de Assis.

Após ter estado na Grécia, fixou-se no Egito, onde ocupou o cargo de funcionário público ao serviço do império romano, testemunho dado na sátira *Apologia dos Assalariados*. Auferia de um ordenado bastante elevado e mantinha a esperança de vir a desempenhar um cargo importante como governador de província:

*(...) o meu salário não é o de uma pessoa vulgar, mas vem [diretamente] do imperador (...), e não é nada modesto, mas de muitos talentos( ). A juntar a tudo isto, tenho expetativas nada modestas, se acontecer o que me parece natural: que me seja atribuída a [prefeitura da] província ou quaisquer outras funções imperiais (...). (12)<sup>9</sup>*

Porém, tal não veio a suceder.

A Grécia inspirou o espírito delicado de Luciano, que contrapunha a simplicidade ao fausto de Roma, vivia-se o gosto pelas letras e pela arte, a liberdade e o respeito pelo outro, a ousadia na linguagem, que era estimada mesmo pela autoridade que se ria das sátiras, tal como todos. Havia, portanto, a liberdade e a tranquilidade que ele demandava, encontrando inspiração não apenas na cidade e nas suas glórias passadas, mas essencialmente nos cidadãos. A educação recebida fez de Luciano um grego, incluindo-se assim no círculo dos conhecidos por *hoi pepaideumenoj*<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> *Dupla Acusação* ou *Os Julgamentos*, MAGUEIJO, LUCIANO III, 2008-2009.

<sup>10</sup> Sobre este conceito nas obras de Luciano, vide JOUIN, 2005, vol. II, pp. 270-276.

São-lhe atribuídas cerca de 83 obras, *corpus Lucianeum*<sup>11</sup>, embora permaneçam dúvidas sobre a sua autoria, considerando-se cerca de uma dezena como apócrifas; Bekker atribui-lhe 28 apócrifas, Sommerbrodt 22 e Dindorf 11, sendo 48 consideradas indubitavelmente como pertencentes ao autor<sup>12</sup>.

## 2 - LUCIANO E A SEGUNDA SOFÍSTICA

O panorama cultural que persiste na época imperial designa-se por Segunda Sofística por proceder da Primeira Sofística de Górgias. Este movimento terá aparecido primeiramente na Grécia, nos séculos V e IV a.C., tendo então depois renascido no início do império romano<sup>13</sup>.

O género moral serioburlesco, ou seja, o género literário cínico<sup>14</sup>, era cultivado pelos filósofos cínicos, cujo estilo de vida era peculiar, ascético e mendicante. Levavam um estilo de vida simples, de regresso à natureza, praticando a pobreza total, mas com atos ousados, públicos e até anti-sociais, criticando tudo e todos, zombando, por exemplo, do sofrimento daqueles que se apegam à vida. Os cínicos caracterizavam-se pela sua independência e liberdade, as virtudes a serem exercidas, aliás, compartilhadas, em boa medida, também com epicuristas e estóicos, eram: a sabedoria (*sophia*), a auto-suficiência (*autarkeia*), a verdade (*aletheia*), a franqueza (*parresia*) e a liberdade (*eleutheria*). Juntas, essas virtudes são bens “muito mais importantes e magníficos que o Império Persa”<sup>15</sup>, mas opostos à ordem social estabelecida. O nome dado a estes pensadores era *kynes* ou ‘cães’, pois o estilo de vida que levavam (*kynikos bios*) era semelhante ao destes animais; aliás, era uma

---

<sup>11</sup> Declamações (*Elogio da Mosca, Julgamento das Vogais, Elogio da Pátria*, etc.), diálogos (*Diálogos dos mortos, Diálogos dos deuses, Diálogos das cortesãs, Assembleia dos deuses, Caronte, Menipo, Hermotimo, Amigo da mentira, Zeus tragediógrafo, Leilão de vidas*, etc.), panfletos e escritos didáticos (*O mestre de retórica, A morte de Peregrino, Como se deve escrever História*, etc.), escritos romanescos (*História Verdadeira e Eu, Lúcio*), poesias (*Pé-ligeiro, Epigramas*, etc.).

<sup>12</sup> CROISER, 1882, Cap. II, p. 42.

<sup>13</sup> BRANHAM, 1996, pp. 1-27.

<sup>14</sup> A filosofia cínica foi fundada em Atenas, talvez por Antístenes (n. 440 a.C.), discípulo e amigo de Sócrates.

<sup>15</sup> Luciano, *Diálogos dos mortos*, XI, p. 3.

algunha dada a Diógenes de Sinope<sup>16</sup>, principal representante da filosofia cínica, e aos outros cínicos, como Crates ou Menipo de Gádaros<sup>17</sup>.

É interessante um episódio de Diógenes que demonstra perfeitamente o pensamento cínico, o desapego a tudo o que é exterior ao homem, pois este de nada necessita para viver feliz, quer sejam bens materiais, quer sejam preocupações com a saúde, com o sofrimento, com a morte ou com os outros<sup>18</sup>. Certo dia, Alexandre Magno passava em frente ao barril onde Diógenes vivia, possuindo apenas a sua túnica e o seu cajado, e questionou-o sobre um desejo que gostasse de realizar, pois ele próprio o satisfaria. No entanto, Diógenes terá respondido: "Desejo apenas que te afastes do meu sol"<sup>19</sup> – dando assim, com este comentário, um poderoso símbolo do desprendimento cínico.

Luciano, embora critique muitas escolas filosóficas, ataca preferencialmente a filosofia idealista dos estóicos, identificando-se mais com a visão pragmática e ultra-racional dos epicuristas e cínicos<sup>20</sup>. Em questões morais, por exemplo, parece em certas ocasiões inclinar-se para os sentimentos cínicos, mas em outras para os epicuristas<sup>21</sup>. Na obra *Alexandre* ou *O falso profeta*, Alexandre, ao queimar *Os Princípios Fundamentais* de Epicuro, é repreendido ao mesmo tempo que é feito um elogio à doutrina:

---

<sup>16</sup> Nascido no Ponto Euxino, em Sinope, viveu no século IV a.C. em Atenas e Corinto.

<sup>17</sup> Há quem atribua a designação 'cínico' ao local onde a escola funcionava, em Cinosarges, a leste nos arredores de Atenas.

<sup>18</sup> KRUEGER Derek, *The Shamelessness of Diogenes in Roman Imperial Culture*, in: BRANHAM, 1996, p. 235.

<sup>19</sup> Cf. D.L. 6.38.

<sup>20</sup> Cf. *Hermotimo* ou *As escolas filosóficas*, MAGUEIJO, LUCIANO II, 2001-2007.

<sup>21</sup> Acerca da doutrina epicurista: *Um deles aconselhava-me o máximo de prazer e a procurar por todos os meios somente este, pois era aí que residia a felicidade.*

Acerca da doutrina dos estóicos e, em parte, também à dos cínicos: *Outro, pelo contrário, [aconselhava-me] a trabalhar afanosamente, a afadigar-me e a violentar o corpo, a andar sujo e imundo, desagradável para toda a gente e proferindo insultos, sempre a declamar aqueles conhecidos versos de Hesíodo a respeito da virtude, do suor e da subida até ao cume.*

*Menipo* ou *Descida aos Infernos* (4), in: MAGUEIJO, LUCIANO IV, 2009.

Sobre a apologia ao trabalho árduo, vide Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, vv 286-311.

*O malvado ignorava quão grandes benefícios esse livro proporciona aos que dele se abeiram, quanta paz, quanta tranquilidade e quanta liberdade transmite, ao libertar as pessoas de terrores, fantasmas, prodígios, vãs esperanças e ambições desmesuradas, mas antes insuflando nelas inteligência e verdade e purificando verdadeiramente as suas almas, não através de tochas ardentes, de cila ou charlatanices quejandas, mas sim através da reta razão, da verdade e da sinceridade<sup>22</sup>.*

Podemos portanto assinalar influências diversas, no entanto, a sua independência é maior e, se durante tempos amou o cinismo, também veio a odiá-lo e a criticá-lo<sup>23</sup>, uma vez que tanto cínicos como estóicos e epicuristas adotam uma postura ascética, não oferecendo soluções para os problemas que semeiam.

*Tendo sido, segundo se diz, um importante orador, abandonou os tribunais e a reputação neles adquirida e, apetrechado com todo o virtuosismo e com todo o vigor oratório, tudo isso acumulou contra nós, e agora não cessa de dizer mal das nossas pessoas, chamando-nos charlatães e vigaristas e persuadindo as massas a troçarem de nós e a desprezarem-nos como pessoas sem valor. E sobretudo, fez com que nós próprios, e também tu, Filosofia, fôssemos odiados pela generalidade das pessoas, classificando de tagarelas e disparatadas as tuas doutrinas e virando para o lado da chicana as coisas sérias que tu nos ensinaste, de tal modo, que ele é aplaudido e elogiado pelos seus ouvintes, enquanto nós somos ultrajados<sup>24</sup>.*

---

<sup>22</sup> Alexandre ou O Falso Profeta (47), in: MAGUEIJO, LUCIANO I, 2001-2007.

<sup>23</sup> Pela boca de Diógenes, diz-nos qual a função do crítico cínico: *Sou um libertador de homens e um médico de suas paixões; para dizer tudo, quero ser um profeta da verdade e da franqueza.* In: *O Leilão dos Filósofos*, p. 8; cf. LOPES, 2006, p. 192.

<sup>24</sup> Diógenes dirige-se à Filosofia a respeito de Parresíades, personificação de Luciano. *Os Ressuscitados ou O Pescador* (25), in: MAGUEIJO, LUCIANO IV, 2009.

Era natural que um escritor do século II fosse moralista, pois a moral, juntamente com a retórica, constituíam temas de apaixonada discussão nesse tempo; paixão testemunhada documentalmente em discursos, em cartas e em sátiras.

Aproxima-se da filosofia e abandona a retórica oca, que apenas visava convencer a todo o custo por meio de artifícios, esta provocava-lhe cada vez mais aversão a cada dia que passava, apresenta os oradores como imorais e ignorantes e compara-os aos atores de pantomima pela sua teatralidade.

A filosofia não conheceu limites: através da moral comportava poderosa influência - o próprio imperador Marco Aurélio se dedicou à filosofia, não apenas como estudioso, mas como autor, principalmente marcado pelo estoicismo<sup>25</sup> que se distingue do cinismo, embora derive dele, pela importância dada à investigação científica, valorizando a razão.

Luciano, com 40 anos frequentava o Liceu e convivia com filósofos<sup>26</sup>, no entanto, apesar de ter exercido a profissão, não é sofista<sup>27</sup> e rompe inevitavelmente com a filosofia, que estaria bem melhor sem os filósofos. Segundo ele, tanto o retórico e orador como o filósofo são parasitas, pois o objetivo último da sua arte é apenas o prazer, que é inativo; além disso, a filosofia apresentava uma multiplicidade de orientações que se afastavam da verdade, a irracionalidade ligada a crenças duvidosas, superstições, artes mágicas ou curas milagrosas, nas quais Luciano não acreditava, ouvimo-lo na voz de Tiquíades, na obra *O Mentiroso*, não aprovando que fossem ensinadas como verdades ao povo ignorante. Se escrevia sobre estes temas, por exemplo, na obra *O Burro* ou *Uma história verídica*, era apenas para divertir ao serviço da crítica, assumindo essas fantasias.

---

<sup>25</sup> Corrente fundada por Zenão de Chipre, o nome deriva do local de reunião *Stoa Poikile* ("Pórtico com Pinturas"), na ágora de Atenas.

<sup>26</sup> *Eis, pois, o grande crime que eu cometi contra a Retórica. Mas mesmo que ela não tivesse agido desse modo, seria lícito que eu, quase a atingir os quarenta anos, me livrasse daquele alvoroço e dos julgamentos, deixasse os juízes em paz, renunciasse às acusações contra os tiranos e aos elogios dos grandes homens, e fosse antes até à Academia ou até ao Liceu, passeando acompanhado deste meu caro amigo, o Diálogo, discutindo tranquilamente um com o outro, sem sentir a falta de elogios e aplausos.* (Sírio, personificação de Luciano, dirigindo-se aos Jurados). *Dupla Acusação ou Os Julgamentos* (32), in: MAGUEIJO, LUCIANO III, 2008-2009.

<sup>27</sup> GÓMEZ, 2001.

É indiscutível a influência que Menipo, notável filósofo cínico do século III a.C., exerceu sobre Luciano<sup>28</sup>, como um dos seus escritores preferidos, como inventor do gênero que ele adotou - os diálogos satíricos; além disso, Menipo é personagem frequente nas obras de Luciano, de entre as quais *Diálogos dos Mortos* e *Menipo* ou *Descida aos Infernos*. A sua influência prende-se com os elementos fantásticos, que antecipam numerosos temas de ficção científica popularizados no século XX, com a fuga à vida comum, prevalecendo a imaginação, uma fantasia livre que se associa ao espírito crítico; na reflexão filosófica do destino e da condição humana, rindo sobre aspetos ridicularizados, demonstrando o seu cepticismo epicurista<sup>29</sup>, por exemplo, para com os deuses os quais achava ridículos, indignando-se com as crenças que lhe pareciam irracionais no seio do politeísmo grego.

Para além de Menipo, outros foram modelos de Luciano, poetas da Antiga Comédia, nomeadamente Aristófanes e Êupolis, também os diálogos de Platão, Diógenes, mas também o historiador Heródoto ou o poeta Homero, cujos poemas inspiraram *Os Diálogos dos Deuses Marinhos* ou o tratamento cómico dado às suas obras no *Diálogo dos Mortos*. O orador Demóstenes terá sido ainda um dos preferidos de Luciano, um dos maiores mestres da prosa ática, pelos elogios tecidos em vários diálogos. Grande prosador, escreveu no dialeto ático típico do Período Clássico, o conhecimento que Luciano tem dos géneros literários e dos principais autores da tradição grega, leva-nos a concluir que foi instruído segundo os cânones da paideia clássica sob a figura de três instrutores: o γραμματιστής, o γραμματικός e o ρήτωρ, aliás, tal como qualquer seu contemporâneo partidário da Segunda Sofística, dado que o êxito derivava desta instrução literária e retórica. Portanto, os tópicos da comédia antiga e pensamentos dos cínicos constam das maiores influências no *opus* de Luciano.

Depois de virar o cabo dos 40 anos, Luciano distancia-se então da retórica da qual já estava cansado. Com efeito, em *Dupla Acusação ou Os Julgamentos*, a Retórica queixa-se de ele a ter abandonado em prol do Diálogo, construindo um magnífico discurso no qual o acusa de ingratidão (27/28), pois foi ela que o encontrou errante na Jónia, sem saber o que fazer, e o recolheu e educou, tendo em troca abandonado outros homens

---

<sup>28</sup> CROISET, 1882, cap. IV, p. 56.

<sup>29</sup> CROISET, 1882, cap. VII.

que a cortejavam, ela escolheu-o a ele, apesar de pobre, e acompanhou-o pela Grécia, Jónia e Itália, na Gália fez com que juntasse a sua fortuna e obtivesse fama. Acusa-o agora de trocar a liberdade e espontaneidade do discurso retórico pela brevidade:

*Mas assim que se viu suficientemente apetrechado e percebeu que estava em boas condições de celebridade, franziu as sobrancelhas, tomou ares de grande senhor e desprezou-me, ou melhor, abandonou-me por completo e apaixonou-se perdidamente por esse barbudo, o Diálogo, o qual, com aquela sua postura exterior, afirma ser filho da Filosofia, e que é muito mais velho que ele e que com ele coabita. Além disso, não tem pejo de abreviar a liberdade e a extensão dos meus discursos, limitando-se a perguntas curtas e fragmentadas: em vez de dizer com voz forte tudo o que pretende, entrelaça e soletra umas quantas frases curtas (...). (28)<sup>30</sup>*

Proliferava o número dos que se dedicavam à filosofia ou se consideravam filósofos. Ser filósofo tornou-se uma profissão e uma multidão de gente medíocre apresentava-se como tal, como se de uma vocação se tratasse. Luciano torna-se cético<sup>31</sup> e busca a verdadeira independência e a sinceridade, características que se foram diluindo naquela profissão, irritando-o profundamente tudo o que fosse falso, o charlatanismo, a vulgaridade natural, a superioridade assumida, a inocência com que se acreditava em tudo o que os filósofos dissessem, o gosto pelas discussões, a excessiva subtileza das argumentações, a presunção e a inveja; era incapaz de se calar quando algo lhe parecesse mal e escreveu sobre isso, estando o seu mérito justamente em dizer o que muitos outros não queriam reconhecer ou ousar dizer. Faltava à sociedade as verdadeiras e nobres preocupações, o verdadeiro progresso social. Na obra *Os Pescadores* ou *Os Ressuscitados* podemos ouvir em Parresíades a voz de Luciano:

*PARRESÍADES — Sou odiador-de-fanfarrões, odiador-de-charlatães, odiador-de-mentirosos, odiador-de-pedantes: odeio todo esse género de*

---

<sup>30</sup> MAGUEIJO, LUCIANO III, 2008-2009.

<sup>31</sup> *As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra de um burro. Hermotismo* ou *As Seitas* (86), in: MAGUEIJO, LUCIANO II, 2001-2007.



*peças detestáveis... e elas são muitas, como sabes.*

*FILOSOFIA — Por Hércules! Exerces uma profissão bem odiosa.*

*PARRESÍADES — Dizes bem. Realmente, estás vendo a quantidade de pessoas para quem me tornei odioso, e devido à qual [profissão] estou correndo perigo. Todavia, também conheço perfeitamente a profissão contrária. Refiro-me àquela que tem por primeiro elemento philo- [amante de]: amante-da-verdade, amante-da-beleza, amante-da-simplicidade e todas quantas são da família de phileísthai [amar]. No entanto, são muito poucos os que se mostram dignos desta profissão, ao passo que os que militam na [profissão] contrária e são íntimos amigos do ódio são mais de cinquenta mil. (20)<sup>32</sup>*

Embora não figure da lista oficial de sofistas de Filóstrato<sup>33</sup>, Luciano vive na época cultural da Segunda Sofística e é um dos mais ilustres representantes ideológicos deste movimento que representa uma atitude de revivalismo de aspetos da cultura grega já mencionados. Em boa verdade, assume a natureza do culminar de um sistema de educação e instrução retóricas, caracterizado, durante cerca de um século e meio, com início nos finais do século I d.C., pelo renascimento cultural de uma importância notável, pelo uso da retórica e das suas manifestações, aludindo a exemplos do passado, transmite o saber e a cultura, procurando-se imitar e recriar os autores clássicos. Mais do que práticas oratórias, este período caracteriza-se pelo clima social, cultural, intelectual, artístico e político vivido durante aquele período. Muitos dos representantes deste movimento não eram gregos, tal como Luciano, o Sírio, mas eram igualmente estrangeiros "helenizados". Assistimos ao renascimento, através da *mimesis*, da apropriação da linguagem e do estilo do que era considerado a Idade de Ouro da literatura grega, da prosa ática dos V e IV séculos a.C., tomando, particularmente, como modelos Platão na filosofia, Tucídides na história e Demóstenes na oratória. Na época de Luciano, durante a Segunda Sofística, os sofistas eram

---

<sup>32</sup> MAGUEIJO, LUCIANO IV, 2009.

<sup>33</sup> Obra dos princípios do séc. III d.C. - *Vidas dos Sofistas*.

considerados pessoas de grande prestígio, sábios e instruídos, mestres da filosofia e eloquência.

Bompaire atribui o facto de Luciano não constar da lista de Filóstrato aos ataques violentos que o autor lançava aos sofistas da sua época, enquanto outros autores apenas o atribuem ao facto de Filóstrato não o considerar um autor deste movimento<sup>34</sup>.

Representam este movimento os sofistas, os oradores possuidores de brilhante eloquência, capazes de influenciar social e politicamente o público pela retórica, cujo objetivo é imediato e prático, e os filósofos capazes de formular os seus pensamentos com fluência pela teoria. Estes homens possuíam qualidades admiráveis de paixão pela sua arte, de beleza literária, orgulhosos do seu engenho no qual estavam postos os olhos de todos.

Os sofistas do séc. II d.C., que integraram o movimento designado por Segunda Sofística, tal como a primeira geração de sofistas que rumou a Atenas, eram geralmente itinerantes, dedicavam grande parte da sua vida a viajar e a declamar em público sobre temas da história passada, encontravam prazer e benefícios nas frequentes deslocações, prestígio e admiração dos seus compatriotas e exemplo para os jovens, ao regressarem às suas cidades<sup>35</sup>.

Luciano, pela sua dose de originalidade e qualidades superiores, voltado para a análise e para o verdadeiro, não foi um sofista convencional, reconhece a ornamentação superficial da prática sofística, vazia e sem conteúdo, por isso abandona a retórica que já não o incita, nem lhe promove a reflexão, tendo-se apercebido da falsidade que existia na arte dos sofistas, que atuavam mais como personagens conscientes do seu papel do que como oradores. A obra *Tiranicida* marca o final desta etapa de carreira judicial, passando a escrever noutro registo.

---

<sup>34</sup> SANO, 2008, p. 43.

<sup>35</sup> *Estou bem convicto de que esse tal jovem se sentirá encorajado ao ouvir a minha história, vendo à sua frente a minha pessoa como um exemplo para si próprio e pensando naquilo que eu era e no êxito que alcancei, por amor da cultura, sem me intimidar com a pobreza desses tempos (...).* (18) *O Sonho ou Vida de Luciano*, in: MAGUEIJO, *LUCIANO I*, 2001-2007.

Distanciando-se da retórica e da filosofia, rapidamente toma consciência do seu talento e dedica-se de modo original aos diálogos satíricos<sup>36</sup>, onde foi um mestre inigualável em inovar a partir de géneros e temas já conhecidos, atribuindo um carácter híbrido às suas obras, através da fusão comedida e harmoniosa, transitando da pura retórica para a sátira moral ou religiosa, reúne assim dois géneros diferentes: o diálogo filosófico, que já vinha dos tempos de Platão, e a comédia. Podemos ler em *Dupla Acusação* ou *Os Julgamentos*, a acusação de Diálogo ao Sírio, por este lhe ter alterado as suas características, contaminando-o com a comédia e inovando no estilo:

*(...) arrancou-me aquela máscara trágica e comedida e pôs-me uma outra, cómica e satírica, que pouco faltava para ser ridícula. Seguidamente, foi buscar e encerrou em mim o sarcasmo, o iambo, o cinismo, e ainda Êupolis e Aristófanes, homens terríveis em troçar das coisas veneráveis e escarnecer das que estão certas. Por fim, tendo desenterrado, de entre os cães<sup>(37)</sup> antigos, um certo Menipo, extremamente ladrador, como convinha, e de dentes afiados, introduziu-o em mim, como se fosse um autêntico cão, tanto mais pavoroso, quanto a sua mordedura é pela calada e morde enquanto ri.*

*Portanto, como não sentir-me terrivelmente ultrajado, quando já não me apresento na forma habitual, mas sim fazendo de comediante, provocando o riso [das pessoas] e respondendo a questões esquisitas? Todavia, o mais absurdo disto tudo é o facto de me ver constituído por uma mistura bem estranha, de modo que nem sou prosa nem me acho verso, mas antes, qual hipocentauro, pareço, aos olhos dos ouvintes, uma coisa compósita e um monstro estranho. (33)<sup>38</sup>*

---

<sup>36</sup> CROISET, 1882, Cap. I.

<sup>37</sup> “cães”... quer dizer: “filósofos cínicos”; notar que *kynikos* significa, propriamente, “canino”.

<sup>38</sup> MAGUEIJO, *LUCIANO IV*, 2009.

Branham considera as suas obras como "reciclagem de formas literárias pré-existentes, emprestando-se uma estratégia aqui, polindo-se ou descartando-se um título ali, recombinao artisticamente elementos de uma série de fontes distintas".<sup>39</sup>

A partir de então, sucedem-se as publicações contínuas das suas obras, correspondentes a grande parte do reinado de Marco Aurélio, anteceditas pelas leituras preparatórias, leituras públicas muito em voga na altura. As suas sessões de leitura eram dedicadas a um público de elite e por isso mais restrito, com o objetivo de que as suas obras fossem recomendadas.

Luciano foi, quanto ao contexto cultural helenístico, um autor tardio, mas um representante bastante significativo dentro do seu género de criação literária; "um homem sério para rir" (Eunápio - *Vida de Sofistas*, 454)<sup>40</sup>, capaz de divertir enquanto fala a sério, e um notável representante da Segunda Sofística, que procura na tradição os elementos que podem servir para compreender o presente e que lhe servem como objeto de crítica, por vezes feroz; é o renascimento da cultura "clássica". Na obra *Menipo* ou *Descida aos Infernos*, Luciano, através da personagem Menipo, filósofo cínico do séc. III a.C., revela o seu carácter cínico, criticando fraquezas, vaidades e maldades humanas, fazendo a apologia do ideal do Cinismo - gozar o momento presente, sem grandes preocupações, conselho dado por Tirésias, velho e sábio adivinho, a Menipo. Este princípio do "Carpe diem" surge em outras obras, por exemplo na voz de Caronte, barqueiro do reino de Hades, na obra *Caronte* ou *Os Visitantes*, quando ele próprio pretende inverter o seu papel e por isso decide fazer uma visita à terra e observa os homens:

*“Ó vãs criaturas, porque é que vos ocupais de tais coisas? Cessai de vos afadigar, pois não vivereis para sempre. Não é eterna nenhuma de entre as coisas que aqui [na terra] são veneráveis, e ninguém, depois de morto, levará consigo nenhuma delas, mas, pelo contrário, é forçoso que parta completamente nu, e que a sua casa, o seu campo, o seu ouro pertençam sucessivamente a outros e passem para outros donos.” (20)<sup>41</sup>*

---

<sup>39</sup> SANO, 2008, p. 65.

<sup>40</sup> COSTA, 2005, p. 10.

<sup>41</sup> MAGUEIJO, *LUCIANO IV*, 2009.

Demétrio de Alexandria, na obra *De Eloquentia* (259), define este género recorrendo aos vocábulos *paidia* (divertimento) e *deinotes* (seriedade), aludindo à sua finalidade: "erradicar através da troça os erros da alma"<sup>42</sup>; utiliza expressões de origem oral e quotidianas, o riso tem uma função moralizadora.

Luciano era um homem atento ao que se passava ao seu redor; assumindo uma posição crítica e moralista, satiriza aspetos ridículos do quotidiano, ligados a crenças ingénuas ou à religião.

*Não sei se haverá alguém tão sisudo e tão melancólico, que não se ria da estupidez dos atos [humanos], ao ver como esses loucos procedem nos sacrifícios, nas festas e nas procissões em honra dos deuses, o que lhes pedem e lhes suplicam, o que pensam a respeito deles. Mas, muito antes — julgo eu — de esse alguém se rir, deve perguntar a si próprio se a tais indivíduos deve chamar piedosos ou, pelo contrário, inimigos dos deuses e uns miseráveis, que fazem da divindade uma ideia tão baixa e ignóbil, a ponto de [os deuses] necessitarem dos homens, de sentirem prazer em serem lisonjeados e de ficarem irritados quando os desprezam. (1)<sup>43</sup>*

Cada diálogo, construído numa cena dramatizável, encerra o espírito crítico do autor, relacionado com a vida social, por exemplo, na obra *O Diálogo das Cortesãs*, a falsidade da mitologia e a moralidade dos deuses, ou nas obras *Diálogos dos Mortos*, *Diálogos dos Deuses* ou *Diálogos dos Deuses Marinhos*. Nas suas sátiras em prosa, filosóficas, religiosas, sociais, morais e literárias, o seu espírito crítico foi notável, a ironia e o sarcasmo conjugam-se com o seu estilo simples mas vivo, em que as personagens são naturais e incisivas.

---

<sup>42</sup> MARTÍN, 2008, Vol. I, p. 29.

<sup>43</sup> *Sobre os Sacrifícios*, in: MAGUEIJO, LUCIANO IV, 2009.

## II - *Anacársis ou Sobre os exercícios físicos*

### 1 - CARACTERIZAÇÃO GERAL

Luciano transporta-nos, ao Liceu<sup>44</sup> do início do século VI a.C. em Atenas, onde podemos assistir a uma conversa de teor gímnico entre Sólon, o legislador ateniense, e Anacársis, o Cita que veio a Atenas em busca de sabedoria, tal como Sólon quando estivera no Egito, ou Licurgo, legislador espartano, em Creta.

Este diálogo tem, assim, como pano de fundo o tema da educação. Luciano é um autor visivelmente polarizado pela temática da paideia, mas, mais do que uma formação do espírito com técnicas mecanizadas ou de esquemas de escolas pré-concebidos e preceitos filosóficos, defende a procura da verdade e do bem, a liberdade e a autenticidade do pensamento, mais do que os ensinamentos da ciência – gramática, retórica ou medicina – a verdadeira educação deve oferecer a independência de formar juízos, a qual cada um por si mesmo deve atingir<sup>45</sup>.

O diálogo inicia com uma questão de Anacársis, que, espantado com as movimentações ao seu redor, inquire o seu anfitrião, Sólon, sobre o que se passa, qual o intento dos jovens que ali se rebolam imundos e nus, comparando-os a porcos. Ao descrever o que presencia, assemelha-os também a carneiros, por andarem aos encontrões, e a enguias, tal é o deslize dos corpos, facilitado pelo azeite que lhes cobre os corpos. Continua a olhar à sua volta e depara-se com outros exercícios, na areia, desta vez comparando os jovens atletas a galos<sup>46</sup> e o espanto não cessa perante tais práticas, de tal modo para ele violentas que estranha o facto de o árbitro não lhes pôr termo, mas, pelo contrário, incentivá-las e elogiá-las. Anacársis compara os lutadores a

---

<sup>44</sup> A nordeste, a cidade é dominada pelo monte Licabeto (*Lykabetos*, 227 m); no sopé, achava-se o Liceu (*Lykeion*), perto do santuário de Apolo Liceu (*Lykeios*). As primeiras construções remontam à época dos Pisistrátidas. Mais tarde, foi aumentado e decorado por ordem de Péricles e, ainda depois, por Licurgo. Era lá, no Liceu, que depois Aristóteles viria a reunir os seus discípulos para lhes dar aulas, pois à volta destes espaços gímnicos tornava-se propício o convívio e a reflexão de teorias. JARDÉ, 1977, p. 20.

<sup>45</sup> GÓMEZ, 2001, p. 117.

<sup>46</sup> Os animais domésticos proporcionavam aos gregos momentos de divertimento; pinturas de vasos mostram-nos que os galos eram protagonistas de jogos.

diversos animais (1-2)<sup>47</sup>, perguntando a Sólon para que serviria aquela loucura toda, ao que este lhe responde que serve para atingir a perfeição dos corpos. Toda esta contemplação provoca no sábio cita o riso.

E a descrição continua sob o olhar atento e atônito de Anacársis que os acha loucos, não percebendo o objetivo do que vislumbra. Sólon justifica a sua opinião com o facto de Anacársis ser estrangeiro e por isso ter costumes bem diferentes dos dos Atenienses. Tranquiliza-o e até lhe diz que, caso fique na Grécia, ele próprio será adepto destas práticas (6). Segue-se uma explanação do que se passa. Encontram-se no ginásio<sup>48</sup> consagrado a Apolo Lício, um espaço sagrado<sup>49</sup>, onde os jovens atenienses praticam exercícios; uma vez que o principal objetivo da educação ateniense, no período recuado em que ocorre a discussão, estava direcionado para a defesa da pátria, aquela centrava-se essencialmente na preparação física através dos exercícios de teor militar, visando o manejo das armas. A principal preocupação era formar bons cidadãos<sup>50</sup>, física e espiritualmente, para que administrassem a cidade em tempo de paz e para que a defendessem em tempo de guerra<sup>51</sup>.

---

<sup>47</sup> Esta tipificação do comportamento humano, de acordo com a galeria animal aparece já, nos primórdios da cultura helenística, com o discípulo de Aristóteles, Teofrasto (372 a.C.-?, 288 a.C.), nos seus *Caracteres*, obra moral que trata dos costumes, descrevendo em trinta tipos de caracteres defeitos e vícios humanos.

<sup>48</sup> No séc. VI a.C. começaram a surgir por quase toda a Grécia ginásios e palestras. O ginásio tornou-se, a par do teatro, um edifício típico e um sinal de identidade da pólis grega.

Tal era a influência da cultura grega que, por exemplo, em Jerusalém, embora numa época posterior, Jasão, sumo sacerdote, para se integrar na cultura do dominador, fundou o Epífano, um ginásio para jovens hebreus, com autorização do rei Antíoco (215 - 162 a.C.), rei da Dinastia Selêucida que governou a Síria entre 175 e 164 a.C.

Cf. CAMBIANO GIUSEPPE, *Tornar-se Homem*, in: VERNANT, 1993, cap. III, pp. 77-101.

<sup>49</sup> FIALHO, 2010, p. 121.

<sup>50</sup> Filho de um pai cidadão ateniense; a partir de Péricles, também de uma mãe cidadã ateniense. Os restantes eram metecos, escravos ou residentes estrangeiros.

<sup>51</sup> Na *Ilíada* encontramos a noção de que o maior espetáculo para uma cidade é o da guerra, procurava-se a superioridade em combate, a *arete* (vv 207-210 / 490-492).

Nas cidades gregas, todo o cidadão devia estar disposto a integrar as fileiras do exército e somente em circunstâncias de grave perigo os escravos eram também convocados. FERREIRA, 1992, pp. 176-177.

Sólon explica-lhe que existem concursos, dos quais sairão vencedores merecedores de determinados prémios, passando a explicar a natureza destes. Os prémios atribuídos provocam novamente a zombaria por parte de Anacársis que ainda não percebeu o verdadeiro valor dos mesmos, a glória alcançada, um prémio inestimável para quem os atinge após grandes fadigas sofridas (9). Sólon não se cansa de defender o espírito agónico dos Helenos, insistindo na ideia de que ele mudará de ideias quando assistir aos jogos, quando fizer parte da multidão, quando sentir a euforia de um anfiteatro repleto que aplaude os vencedores venerados como se de deuses se tratassem (10)<sup>52</sup>. Os costumes atenienses são contrapostos aos dos citas. Anacársis conta que, caso alguém atacasse um cidadão cita, não seria aplaudido nem louvado por uma multidão, mas ele mesmo seria vítima de represálias diante de algumas testemunhas. Anacáris é o *barbaros que* não compreende os códigos de comportamento helénicos, como o valor simbólico dos prémios, as singelas coroas. Encontramos o mesmo espanto no seio das tropas persas, quando Heródoto nos relata um episódio que terá ocorrido durante as guerras contra a Hélade<sup>53</sup>:

*A ela (companhia de Xerxes) juntou-se uma pequena quantidade de desertores oriundos da Arcádia, quer por necessidade de subsistência, quer por pretenderem um trabalho. Conduzindo-os à presença do Rei, os Persas informaram-se sobre os preparativos que tomavam os Gregos. Foi um Bárbaro em particular que, em nome dos seus companheiros, os interrogou. Os desertores responderam-lhes que os Gregos celebravam as Olimpíadas e assistiam aos concursos gímnicos e às provas hípicas. Então o Persa perguntou qual era o prémio pelo qual disputavam; e os Árcades responderam que era uma coroa de oliveira. Foi neste momento que Tritantaicmes, filho de Artábano, proferiu um sensato parecer... Ao tomar conhecimento de que o prémio do vencedor era uma coroa e não dinheiro,*

---

<sup>52</sup> Os encontros públicos eram os espetáculos de maior importância na Grécia antiga, em que as pessoas se reuniam para assistir a competições atléticas, ritos religiosos, celebrar festas ou ouvir música. Cf. CHARLES SEGAL, *O ouvinte e o espetador*, in: VERNANT, 1993, Cap. VII, pp. 175-180.

<sup>53</sup> Heródoto, 8.26 (trad. Carmen Soares: *Heródoto. Histórias. Livro 8º*, introd. Carmen Soares, trad. notas J. R. Ferreira-C. Soares, Lisboa, 2002). Cf. FIALHO, 2010, p. 126.



*Tritantaicmes não conseguiu ficar calado e fez em público esta declaração:  
“Não me digas, Mardónio, que foi contra este tipo de homens que nos  
fizeste combater, homens que competem não por dinheiro, mas pela  
glória.”*

É por este mesmo motivo que Anacársis não compreende ainda a violência que caracteriza os exercícios gímnicos, a lama, o pó e o azeite espalhados pelos corpos; os espetadores-embaixadores, *theoroi*, que acorrem aos jogos, representando as suas cidades, abandonando os assuntos importantes do estado; a energia desperdiçada, não estando o país em guerra; a competição convertida em espetáculo; o papel do teatro e o modo como os atores de comédias e tragédias se apresentam, com roupas e calçados ridículos e capacetes com grandes aberturas, que são as máscaras...

Anacársis é incapaz de valorizar qualquer aspeto relacionado com os jogos atléticos, assumindo uma postura anti-atlética já encontrada desde Xenófanos ao *Autólico* de Eurípides<sup>54</sup>. Anacársis terá dito que cada cidade grega tinha um lugar onde as pessoas podiam ficar diariamente loucas - no ginásio - e que o azeite de oliveira era uma droga que produzia a loucura<sup>55</sup>, sugerindo que toda a cidade tomasse heléboro, planta usada para curar a insanidade (39).

Apesar da sua posição céptica, Anacársis mostra-se sempre aberto às explicações de Sólon, tentando esclarecer as suas dúvidas e aprender costumes tão diferentes dos seus, oferecendo-se como seu pupilo (14) e alertando-o para o facto de ele ser estrangeiro, de modo a que seja claro e conciso no seu discurso (18). Sólon, apesar do pouco tempo que tem para isso, propõe-se falar sobre os costumes atenienses, sentados debaixo de uma sombra, a pedido de Anacársis, devido ao calor sentido e porque se esqueceu de trazer o seu boné cita. Estabelecem então um acordo: Anacársis colocará questões e objeções, há-de interromper o discurso de Sólon, caso este lhe pareça redundante ou se alongue, à semelhança do que acontece no conselho do Areópago, aliás, Sólon até nomeia Anacársis areopagita, designação que apela à

---

<sup>54</sup> *De incontáveis males por toda a Grécia.*

*Não há nada pior do que a raça dos atletas.* (Eurípides, *Autólico*, 284 N.).

MARTIN, *The Scythian Accent: Anacharsis and the Cynics*, in: BRANHAM, 1996, p. 149.

<sup>55</sup> Díon de Prusa, *Oratio* 32.44 (KINDSTRAND A37a); idem.

comicidade. Esta situação tem um fundo de paródia discreta à prática forense, pelo discurso entre dois interlocutores que parecem estabelecer um diálogo que se assemelha a quem está num tribunal, com refutações e esclarecimentos, a argumentação é clara e bem concatenada.

Sólon esclarece o que se passa no Areópago (19) e define cidade e cidadão (20); sendo os cidadãos a alma da cidade, devem ser bons de espírito e fortes de corpo “*mens sana in corpore sano*”<sup>56</sup>, visando o fundamental equilíbrio entre o corpo e o espírito, devem administrar a cidade em tempo de paz e defendê-la em tempo de guerra. Para os Gregos, a definição de cidade não se centrava no aglomerado urbano, mas nos cidadãos<sup>57</sup>, a cidade é então o conjunto de cidadãos e não as estruturas que a compõem.

Quando os jovens começam a ter idade suficiente que lhes permita fazer a distinção entre o bem e o mal, começa a sua educação justamente com os exercícios que lhes conferirão força e coragem para a defesa, caso necessário, da pátria; assim, o que pode parecer à primeira vez ridículo e lúdico, tem um propósito militar e patriótico.

Sólon descreve-nos, fazendo uma comparação com os cuidados que os agricultores têm no desenvolvimento dos rebentos<sup>58</sup>, o ideal de paideia, que passa por três fases: quando são pequenos estão ao cuidado das mães e amas; numa segunda fase são educados nos rudimentos da língua, música, aritmética; e, por último, praticam exercícios e dedicam-se aos preceitos filosóficos e à retórica, memorizam e declamam poemas de Homero e de Hesíodo, de modo a tomarem como exemplo os assuntos expostos, bem como de filósofos ou de antepassados memoráveis (20/21). A este modelo educativo, apelidado de “educação pelo paradigma”, corresponde um conjunto de ideias tradicionais que prevaleceram durante séculos, uma formação geral que visa formar a criança como homem e como cidadão. Este ideal de paideia encontra-se bem presente, desde logo, com os sofistas, mas também em Sócrates, em

---

<sup>56</sup> Ideal da paideia, resumido nesta expressão latina do II século da nossa era (Juvenal, X, 356), que equivale, em termos latos, ao conceito de *kalokagathia*.

<sup>57</sup> “É que a pólis são os cidadãos e não as muralhas nem os barcos viúvos de homens.” Tucídides (7.77.7). Cf. FERREIRA, 1996, p. 76.

<sup>58</sup> A comparação da educação com a agricultura já vem de Plutarco e, segundo JAEGER, deve ser mais antiga, cf. *Paideia*, I, p. 396.

Platão, em Aristóteles ou em Isócrates. No *Protágoras*, Platão dá-nos um retrato fiel desta educação tradicional:

*Os mestres... depois de elas [as crianças] aprenderem as letras e compreenderem o que se escreve põem-nas a ler nas bancadas as obras dos grandes poetas, e obrigam-nas a decorar esses poemas, nos quais se encontram muitas exortações, e também muitas digressões, elogios e encómios da valentia dos antigos, a fim de que a criança se encha de emulação, os imite e se esforce por ser igual a eles<sup>59</sup>.*

O legislador ateniense refere o papel didático da poesia, que pretende incitar os jovens a imitar os heróis nomeados (21); explicita as diferentes fases da educação (20-22), explicando como o homem, desde que nasce, obedece e se habitua ao modo de vida da pólis através de atividades e convívios com os outros (22); fala da política, dos filósofos e sofistas (22); expõe a importância do teatro na educação dos cidadãos, aproveitado como exemplo, pois nas comédias e tragédias contemplam-se vícios e virtudes (22/23), o teatro torna-se metáfora da experiência humana em geral, uma educação pelo paradigma que visava despertar a emulação na alma dos jovens. As manifestações teatrais eram um momento marcante na vida da pólis e todos tinham direito a participar nelas, até os presos eram soltos, e os bilhetes de quem não tinha grandes recursos eram pagos pelo estado do fundo público<sup>60</sup>.

Toda a Grécia respeita os exercícios como a parte mais essencial da educação, pois tornam os homens ágeis, robustos e capazes de suportar as fadigas da guerra. Mas Anacársis, não convencido, ironiza, achando que seria melhor os atenienses adotarem práticas espartanas, aprender a usar o arco ou uma faca citas (31-33), ele ri quando imagina os atletas a enfrentarem o inimigo, untados com azeite e cobertos de pó<sup>61</sup>. A explicação do sistema cita fica adiada para outro dia.

---

<sup>59</sup> 325e – 326c, trd. de ROCHA PEREIRA, 1995, p. 395.

<sup>60</sup> O *theorikon*, cf. FIALHO, 2010, p. 133.

<sup>61</sup> Segundo Diógenes Laércio (1.101), as falas de Anacársis deram origem a um provérbio devido à sua franqueza: "A fala dos citas".

BRANHAM, 1996, pp. 154.

Sólón argumenta em prol do atletismo, baseando-se na preparação para a excelência e virtude, a aretê, pois, além de exercitar o corpo, formava o caráter dos cidadãos, contribuindo não só para a sanidade física mas também para o desenvolvimento harmoniosos do corpo (14/15); tendo muitas vantagens: manutenção da pólis – papel do estado na educação (20-23); preservação dos homens para a guerra e defesa da pólis (24-30); conservação da saúde, pois os exercícios proporcionam energia e saúde, afastando as fadigas e doenças. Sólón incita Anacársis a imaginar o que poderá encontrar por debaixo das vestes dos atletas, nem uma gordurinha a mais, mas um corpo esbelto e bronzeado (25/26). Quando Anacársis se queixa do sol intenso e do cansaço que o atingem, sugerindo que se sentem à sombra, até porque se esqueceu do seu boné cita, mostra a sua admiração por Sólón, já homem de certa idade, não estar cansado como ele, ao que Sólón justamente responde que a isso se deve a prática dos exercícios, os quais conferem vigor e resistência física (16).

No final (38), Sólón vê-se obrigado a falar de Esparta como exemplo, uma vez que o seu interlocutor não ficou convencido com o caso de Atenas, aconselha Anacársis a não estranhar, ou mais do que isso, a não escarnecer dos costumes espartanos, uma vez que provavelmente irá até Esparta, tendo o intento de percorrer toda a Grécia.

## 2 - MODELO EDUCATIVO

### ***KALOS KAI AGATHOS***

Os Poemas Homéricos constituíram para os Gregos um manual de ética, exercendo grande influência na educação da Grécia<sup>62</sup>, e cedo começaram a ser transmitidos oralmente através dos aedos e rapsodos em ocasiões festivas, sendo aprendidos e decorados nas escolas<sup>63</sup>. Assim, a educação homérica é a base de toda a tradição pedagógica clássica, um exemplo de vida do homem herói, tendo como base a ‘excelência’ (*aretê*<sup>64</sup>): αἰὲν ἀριστεύειν καὶ ὑπείροχον ἔμμεναι ἄλλων<sup>65</sup> *Ilíada* VI, 208.

---

<sup>62</sup> Platão considera mesmo Homero o educador da Grécia na *República* (606e-607a).

<sup>63</sup> *Banquete*, Xenofonte: II 1-2, trd. de ROCHA PEREIRA, 1995, p. 370.

<sup>64</sup> Constitui "o tema essencial da História da educação grega (...) não só para designar a excelência humana mas também a superioridade de seres não-humanos, como a força dos deuses ou o valor e a rapidez dos cavalos nobres.", JAEGER, *Paideia*, p. 21.

Porém, o que chamamos de educação clássica, que compreende um ensino inicial e depois uma formação mais aprofundada, compreendendo este último a retórica e a filosofia, entre outras disciplinas, é um legado da época helenística.

Se inicialmente a educação visava apenas adestrar os futuros defensores da pólis, tendo um objetivo essencialmente militar, com o tempo, a educação torna-se mais abrangente, principalmente na época arcaica, durante o século VI a.C. Para além do mestre da educação física, *paidotribes*, que dava as lições no ginásio ou na palestra<sup>66</sup>, surge o *kitharistes*, que ensinava as crianças a tocar cítara, acompanhando as declamações das obras dos grandes poetas<sup>67</sup>; também, a partir do séc. V a. C., é-nos dado conta do *grammatistes*, mestre de ler e de escrever. Assim, fazem parte da educação, não só a ginástica, como também as letras e a música, pretendendo-se atingir igualmente a excelência moral e física. A educação ateniense visava um ideal profundamente ético, pretendia tornar o homem bom (*agathos*), num aspeto moral, e belo (*kalos*), num aspeto físico<sup>68</sup>. Na segunda metade do século V a.C., com o aparecimento dos sofistas, a educação ateniense vai tomar novos rumos.

No séc. V a.C. a educação do cidadão passava pelo seu desenvolvimento intelectual, no qual os sofistas desempenhavam um papel preponderante, vindos de todas as partes do mundo grego davam palestras e aulas num regime de itinerância e remunerado<sup>69</sup>, sem se fixarem durante muito tempo numa cidade. Este método de ensino,

---

<sup>65</sup> "Ser sempre o melhor e manter-se superior aos outros".

<sup>66</sup> Existem três hipóteses acerca da diferença entre ginásio e palestra: a palestra era para as crianças o que o ginásio era para os adultos; os ginásios seriam públicos e as palestras privadas, a palestra seria uma parte do ginásio. Ver ROCHA PEREIRA, 2006, p. 368, nota 2.

<sup>67</sup> A arte grega, antes de ser literária e plástica, foi musical, tendo a música desempenhado um papel muito importante na educação grega. Cf. Marrou, *Histoire*, p. 75.

<sup>68</sup> Um ser humano belo e bom = *kalokagathia*.

<sup>69</sup> Só os jovens de famílias mais ricas é que podiam ter acesso a este ensino formal, em que se aprendia sobretudo a falar convincentemente em público, cujo objetivo era essencialmente a formação de elites governativas. O exercício de bem falar, a partir de Homero, a par da bravura na guerra, era considerado próprio do homem completo. CAMBIANO GIUSEPPE, *Tornar-se Homem*, in: VERNANT, 1993, cap. III, pp. 77-101.

direcionado para o antropocentrismo<sup>70</sup>, acompanha a criança até atingir a idade adulta e, apesar de muito contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico e facilidade de expressão, era alvo de algumas críticas<sup>71</sup>, uma vez que muitas vezes não se olhavam a meios para atingir os fins, ao ponto de "fazer prevalecer a causa pior sobre a melhor". Para além da formação transmitida a um grupo de jovens que lhes era confiado, exibiam as suas capacidades intelectuais nos santuários, dando conferências, previamente estudadas, e dissertando sobre um tema à escolha do público, que se distraía a ouvi-los, tendo como princípio a teoria antilógica de Protágoras, segundo a qual toda a questão podia ser objeto de defesa ou acusação<sup>72</sup>.

Na época helenística, o conceito de paideia adquire um sentido mais ampliado de civilização, tendo como objetivo formar um cidadão do mundo (*kosmopolites*).<sup>73</sup> No entanto, o programa da preparação física não sofreu alterações: continuava incluindo a corrida, o lançamento do disco e do dardo, a luta, o pugilato e o pancrácio. Na época arcaica, bem como na clássica, a educação física é dominada pelo espírito desportivo, preparando os jovens para um desempenho honroso nos concursos de atletismo.<sup>74</sup>

A frequência dos ginásios assumia tal importância que suscitava uma distinção social indubitável. Visando a formação do cidadão perfeito, por exemplo, na época helenística, em Pelene, não se podia ser cidadão se não se tivesse frequentado o ginásio; em Atenas, através da legislação de Sólon<sup>75</sup>, os escravos estavam proibidos de frequentar os ginásios; numa lei de Berea, de meados do séc. II a.C., esta proibição

---

<sup>70</sup> *O homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto existem, e das que não são, enquanto não existem.* Protágoras, frg. 1 Diels, trd. de ROCHA PEREIRA, 1995, p. 257.

<sup>71</sup> Cf. *As Nuvens*, de Aristófanes, comédia onde se retrata a educação moderna dos sofistas, atribuída a Sócrates. Aqui contrapõe-se a antiga paideia, a do ginásio que tornava o jovem robusto e fiel às tradições, à nova paideia, a da ágora e dos banhos, onde cultivavam a língua, aprendendo a contestar até os pais.

<sup>72</sup> GIORDANI, 1972, Cap. XIII

<sup>73</sup> Segundo MARROU, paideia deve ser entendida no sentido lato de "tratamento que convém aplicar à criança para dela fazer um homem", *Histoire* p. 299.

<sup>74</sup> GIORDANI, 1972, Cap. XIII.

<sup>75</sup> Cf. *O Banquete dos Sete Sábios*, Plutarco, trad. de LEÃO D. F., p. 76, nota 41.

também se estendia aos escravos libertos e aos seus filhos, aos deficientes, bêbados, loucos, aos que se prostituíam ou exerciam atividades comerciais<sup>76</sup>.

### ESPETÁCULOS ATLÉTICOS

As competições e jogos desportivos reuniam amantes dos exercícios físicos pelas diversas cidades gregas, constituindo fator de unidade, eram concorrentes, na sua maioria, atletas não-profissionais<sup>77</sup>, vindos de famílias aristocráticas, pelo menos até ao séc. V a.C.<sup>78</sup>. O espírito agónico e a vontade da superioridade eram características dos gregos desde tempos remotos<sup>79</sup>, sendo a preparação física uma atividade quotidiana.

Os prémios alcançados nos festivais eram simbólicos, não tinham valor material ou pecuniário, pois a arete era o ideal heróico a atingir, segundo Píndaro *o caminho brilhante da excelência*<sup>80</sup>, a glória perpetuada, o reconhecimento público. O vigor, a coragem e a superioridade eram evidenciados nos jogos integrados em festivais religiosos, cada um com o seu deus patrocinador.

Os jogos Olímpicos<sup>81</sup> são os mais antigos; segundo a tradição, datam de 776 a.C., eram celebrados de quatro em quatro anos em honra de Zeus, em Olímpia, o prémio consistia numa coroa de oliveira brava ou azambujeiro<sup>82</sup>. Os jogos Píticos<sup>83</sup>, datados

---

<sup>76</sup> CAMBIANO GIUSEPPE, *Tornar-se Homem*, in: VERNANT, 1993, cap. III, pp. 77-101.

<sup>77</sup> Os gregos não faziam a distinção entre atleta amador ou profissional, a definição de desporto profissional é moderna. Cf. PORTELA, 2000, pp. 85-94.

<sup>78</sup> Cf. FERREIRA, 2000, p. 47.

<sup>79</sup> Existe a possibilidade de remontarem aos tempos micénicos, ou até minóicos. Ver FERREIRA, 1995, p. 187-188.

Vide nota 144 deste trabalho.

<sup>80</sup> Cf. O. 6.72-73, FIALHO, 1992, pp. 51-54.

<sup>81</sup> As provas (*agones* ou *athla*) incluíam: corridas equestres (de carros e de cavalos de cela), corridas pedestres (estádio, *diaulos* ou duplo estádio, o *dolichos*, equivalente a 24 estádios, e a corrida com armas), a luta, o pugilato, o pancrácio e o pentatlo, que incluía o salto em comprimento (no qual os atletas usavam pesos para atingirem maior balanço), a corrida de estádio, o lançamento do disco e do dardo, e a luta. Vide: FERREIRA, 1995, p. 189.

<sup>82</sup> Pélops terá sido o primeiro a colher a coroa da vitória, ficou associado à vitória olímpica e o seu túmulo tornou-se lugar de veneração. Vide: SILVA, 2000, pp. 64.

em 582 a.C., eram celebrados em agosto, de quatro em quatro anos, no segundo de cada olimpíada, em honra de Apolo, em Delfos, tinham como prémio uma coroa de loureiro, a árvore simbólica de Apolo. Os jogos Nemeus<sup>84</sup>, datados de 573 a.C., eram celebrados em julho de dois em dois anos em honra de Zeus, em Nemeia, e tinham como prémio uma coroa de aipo. Os jogos Ístmicos<sup>85</sup>, celebrados desde 581 a.C. de dois em dois anos em abril, no segundo ano de cada Olimpíada, em honra de Poséidon, no Istmo de Corinto, tinham inicialmente como prémio uma coroa de aipo seco, passando depois a ramagem de pinheiro<sup>86</sup>. Apesar de serem estes quatro os maiores, considerados os Grandes Jogos Pan-helénicos, os Jogos Panatenaicos também tinham esse estatuto, estando abertos a todos os helenos. As Panateneias, em honra de Atena, na Ática, tinham como prémios a coroa de oliveira, árvore da deusa, e ânforas de azeite das oliveiras sagradas. Para além das provas atléticas, existiam também manifestações culturais e outros prémios, coroas de ouro para a música e touros para as danças pírricas, realizavam-se ainda corridas de archotes e regatas<sup>87</sup>.

Para além destes espetáculos atléticos, que eram os mais importantes e que adquiriram fama essencialmente a partir do séc. VI a.C.<sup>88</sup>, havia muitos outros em inúmeros jogos locais, como os Panateneus em Atenas ou os Ioleus em Tebas. A celebração de festivais era um aspeto próprio da religião e da vida gregas, contando com um número elevadíssimo, e tiveram uma grande importância e reflexo na cultura helénica<sup>89</sup>.

O último dia dos festivais era muito importante na vida dos atletas, era o dia da coroação, acompanhada de festividades, cânticos e odes<sup>90</sup> em honra dos vencedores, que eram recebidos com festejos e honras nas suas cidades, a vitória refletia a

---

<sup>83</sup> Inicialmente apenas com carácter de certame musical, apenas continham concursos musicais, depois passaram também a incluir provas atléticas. Depois dos Olímpicos são os mais importantes e antigos.

<sup>84</sup> Segundo o mito, Hércules foi o fundador destes jogos em honra de Zeus, seu pai, como recompensa por ter morto o leão de Nemeia.

<sup>85</sup> Teria sido Teseu o fundador destes jogos, segundo uma tradição ática.

<sup>86</sup> Pausânias, VIII. 48.2.

<sup>87</sup> ROCHA PEREIRA, 2000, pp. 23-24.

<sup>88</sup> FERREIRA, 1995, pp. 187-194.

<sup>89</sup> ROCHA PEREIRA, 2006, pp. 339-367.

<sup>90</sup> Píndaro, *Olimpicas*, 6; *Píticas*, 6 e 7; *Nemeias*, 5.



excelência do atleta; inicialmente estes cânticos eram simples, passando mais tarde a serem compostos por grandes artistas, e muitos dos vencedores eram também comemorados em estátuas, sendo o atleta frequentemente tema de inspiração para os escultores, predominando o nu<sup>91</sup>. Para além destas formas de arte em todos os estilos, que perpetuavam a glória alcançada nos jogos, também havia quem mandasse cunhar moedas comemorativas, nomeadamente quando o atleta pertencia à classe política<sup>92</sup>. Sólon terá ainda estabelecido no seu código de leis um prémio a ser atribuído aos atletas vencedores atenienses, de cem dracmas nos jogos Ístmicos e de quinhentas dracmas nos Olímpicos<sup>93</sup>.

Durante estes festivais que divertiam os espetadores, eram declaradas tréguas<sup>94</sup>, de modo a permitir segurança aos visitantes que aí acorriam de toda a Hélade, convidados pelos arautos que anunciavam por todos os estados gregos a data das festividades e convidavam os seus habitantes; durante estas tréguas sagradas as hostilidades cessavam, não sendo permitida qualquer atividade de natureza bélica entre as póleis. Porém, terminados os jogos, os conflitos recomeçavam...

*Com justiça se elogiam os que instituíram as panegíricas, porque nos legaram o costume de nos reunirmos, depois de termos feito libações e de termos deixado os ódios existentes, e, seguidamente, após termos efetuado preces e sacrifícios em comum, de nos lembrarmos do parentesco recíproco, de nos tornarmos de futuro mais benevolentes, de renovarmos laços de hospitalidade de antanho e de contrairmos outros novos<sup>95</sup>.*

---

<sup>91</sup> Os jogos contribuíram assim para o desenvolvimento da poesia, da música, da retórica e da escultura. Míron ficou conhecido como escultor de atletas. Cf. ROCHA PEREIRA, 2000, pp. 23-43.

<sup>92</sup> Idem, pp. 25-26.

<sup>93</sup> Plutarco, *Vida de Sólon*, 23.2.

Quantia considerada demasiado alta para a época, tendo em conta que, por exemplo, a quantia atribuída ao atleta vencedor dos jogos Ístmicos era a mesma à multa aplicada a um culpado de violação. Acerca deste assunto, vide LEÃO, 2000, pp. 73-83.

<sup>94</sup> Os jogos tinham um carácter pan-helénico, pois, periodicamente, através das tréguas sagradas conseguiam unir cidadãos afastados, não apenas pela distância, mas por diferenças sociais, políticas e económicas.

<sup>95</sup> Isócrates, *Panegírico*, 43; tradução de ROCHA PEREIRA, 2006, p. 348.

A estes festivais acorriam, para além dos atletas e suas delegações – *theoriai*, constituídas por espetadores gregos de toda a Hélade e intelectuais, sofistas e oradores, que vinham fazer demonstrações dos seus saberes; mas não podiam assistir a estes espetáculos bárbaros e criminosos, mais propriamente: autores de homicídios, saques de templos, fraudes, subornos e desrespeitadores das tréguas sagradas, também ninguém poderia entrar armado, caso contrário era preso<sup>96</sup>.

### MODELO ESPARTANO

De modo a melhor convencer o seu interlocutor, Sólon recorre ao exemplo do modelo espartano. Na obra são descritas práticas espartanas, impostas por Licurgo, que visavam o treino dos jovens, provas, sacrifícios e flagelos que até levavam alguns à morte (38). Estes exercícios levados ao extremo visavam criar cidadãos mais fortes e resistentes a qualquer tortura a que pudessem ser submetidos pelo inimigo, porque aprendiam a suportar a dor e a fadiga, tornando-se soldados robustos e devotados à pólis até à morte<sup>97</sup>.

Esparta, um dos mais antigos estados da Grécia, fundado no séc. IX a.C., mas definitivamente constituído nos finais do séc. VII a.C., era então uma cidade tendencialmente voltada para a guerra, era uma cidade militarista e aristocrática. Apesar das instituições espartanas serem atribuídas a Licurgo, não existe nenhuma informação precisa acerca da sua vida e obra<sup>98</sup>; este não terá sido rei, mas tio e tutor do jovem soberano Carilau, terá trazido a sua famosa constituição de Creta, dizendo que fora o próprio oráculo de Delfos quem a sugerira em nome dos deuses<sup>99</sup>.

---

<sup>96</sup> Cf. Tucídides 5. 40-50; Xenofonte, *Helénicas* 3. 2. 21; Pausânias 6.2. 1-3. Vide: FERREIRA, 1995, pp. 191-192.

<sup>97</sup> Sobre a educação espartana, vide: FERREIRA, 1996, pp. 123-125.

Os jovens atenienses eram preparados para o futuro serviço militar através dos exercícios físicos, mas num espírito bem diferente do predominante em Esparta.

Em Esparta, como nota JAEGER, *Paideia*, "a educação não terá por finalidade selecionar heróis, mas formar uma cidade inteira de heróis, de soldados prontos a dedicar-se à pátria." GIORDANI, cap. XIII, p. 272. Cf. também Marrou, *Histoire*, p. 43.

<sup>98</sup> JARDÉ, 1977, p. 161.

<sup>99</sup> Sobre a suposta biografia de Licurgo e sua Constituição, vide MONTANELLI, 1962, pp. 83-89.

Os cidadãos, sob cargo do Estado, dedicavam-se e preparavam-se para a guerra, a educação dos jovens visava essencialmente o ideal heróico da arete, a coragem e destreza no combate. Os cidadãos não se dedicavam ao comércio ou à indústria, pois o objetivo da educação espartana era a formação de bons soldados, destros, espertos e obedientes, daí os exercícios físicos, que tornavam o corpo mais ágil, desempenharem um importante papel: luta, corrida, salto e lançamento do disco e do dardo.

A partir dos sete anos, a criança já não pertencia aos pais mas ao Estado e só a partir dos 60 anos ficava o espartano livre do serviço militar, passando depois grande tempo nos ginásios vigiando os jovens nos seus treinos<sup>100</sup>.

*(...) Licurgo fez bem em dispensar os seus concidadãos das ocupações penosas dos artesãos para os manter ao serviço das armas e não lhes ensinar a exercer outro ofício a não ser o ofício militar.*<sup>101</sup>

PLUTARCO, *Sólon*, XXII

Encontramos este sentido de arete, como a excelência e superioridade procuradas com consciência, já no herói homérico, a qual era revelada principalmente no campo de batalha através da coragem e da força, mas também através da arte de persuadir na assembleia<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup> Isócrates põe na boca do rei espartano Arquidamo as seguintes palavras: "É evidente para todos que não nos avantajamos sobre as outras nações da Grécia nem pela extensão do território, nem pelo número dos habitantes, mas porque a República está organizada como um acampamento onde reinam a disciplina e a obediência". (*Arquidamo*, 81). Cf. GIORDANI, cap. X, p. 210.

<sup>101</sup> AUSTIN, 1972, p. 207.

<sup>102</sup> O ideal da *Íliada* não é apenas a coragem no combate, mas também inclui a arte de persuadir. Cf. canto IX, v. 443.

### 3 - PERSONAGENS

Sólón, o poeta-legislador, é quem inicia Anacársis na cultura grega. Na verdade, é na obra *O Cita* ou *o Próximo* que nos é dada a conhecer a origem da amizade entre Sólón e Anacársis, quando este é apresentado àquele por Tóxis. Este, vendo Anacársis em terras estrangeiras, em Atenas, percebendo o seu espanto perante a língua e os costumes helénicos, bem diferentes dos dos citas, apresenta-o ao seu amigo Sólón. Tóxis era, com efeito, compatriota de Anacársis, vivendo já em Atenas, ajudava os seus compatriotas a adaptarem-se à cidade desconhecida, era assim uma espécie de embaixador, um próximo<sup>103</sup>, aquele que acolhe os seus conterrâneos e os apoia no que for necessário numa cidade estrangeira, cumprindo deveres de cortesia e hospitalidade; caso estes preceitos não fossem concretizados, o estrangeiro via-se desprotegido, podendo até ser alvo de escravidão.

Em vez de ser o próprio Tóxis a instruir Anacársis sobre o modo de viver dos gregos, acha mais oportuno que seja Sólón a fazê-lo, a instruir e a educar o recém-chegado cita que será objeto de admiração e confiança de todos por esta relação com o sábio legislador.

Anacársis, apesar de ser cita, e por isso estrangeiro, era considerado sábio, o próprio Sólón o reconhece: Σκύθης μὲν ἔστι, σοφὸς δὲ ὢν μετεπαιδευσέ με (*Anacársis*, 17), encontramos esta ideia também numa carta que terá sido escrita, provavelmente, para um certo Lesbonax por Apolónio de Tiana<sup>104</sup>: *Anacársis, o Cita, foi um sábio; e, se ele era um Cita, então foi por ele ser um Cita que foi um sábio*<sup>105</sup>.

Sólón representa o velho Sábio, o ateniense e grego típico, ao lado de Anacársis, a imagem típica do *barbaros* e bom-selvagem, que, apesar de ser estrangeiro, ou seja, o

---

<sup>103</sup> “Aquele que protege os estrangeiros”, segundo F. Gaspar (1942-1943, 66-71).

A proxenia surge ao longo do séc. VII a.C., desenvolvendo-se nos séc. VI e V a.C.

A literatura grega está impregnada de exemplos de hospitalidade, por exemplo, no canto VI da *Iliada*, vv 119-236, é-nos relatado um episódio entre Glauco e Diomedes. Cf. FERREIRA, “Próximo e proxenia”, 2004, pp. 227-239.

<sup>104</sup> Lesbonax foi um sofista e retórico, de Mitilene, capital da ilha de Lesbos; Apolónio de Tiana foi um sábio pitagórico, ambos gregos do séc. I d.C.

<sup>105</sup> In: *Vida de Apolónio*, Filóstrato, carta 61. Cf. PENELLA (1988), p. 570.

que não é grego, é capaz de analisar criticamente os costumes gregos. É comum na literatura grega encontrar estes conceitos antagônicos de helenismo e barbarismo, um sábio que cultiva e educa<sup>106</sup> um estrangeiro sobre costumes autóctones. Este estrangeiro, neste caso Anacársis, encontra-se em Atenas na condição de inadaptado, uma vez que não entende aquilo que vê, caberá a Sólon explicar-lhe o código de comportamentos gregos (20) e dar-lhe a conhecer hábitos distintos dos dos Citas. Portanto, os Bárbaros não estão excluídos da paideia e Anacársis é o exemplo vivo do Bárbaro que se funde com a cultura helénica, movido pelo desejo de aprender e de se integrar, até porque ele veio precisamente para se instruir.

### **ANACÁRSIS**

Na *História Augusta*, o nome deste cita consta de entre os nomes dos distintos filósofos; também em Apuleio: 'Apud socordissimos Scythas Anacharsis sapiens natus est.', *De magia* XXIV, 446.

O fascínio de Luciano pelos Citas é óbvio nas obras *Tóxaris*, *O Cita* e *Anacársis*, tal como ele, enquadram-se no modelo "bárbaro entre os gregos", um estrangeiro, e aí temos uma característica exótica, que chega a Atenas em busca de conhecimento e da cultura grega<sup>107</sup>.

Anacársis, sábio cita do séc. VI a. C., vivia em torno do mar Negro<sup>108</sup>, sendo nómada também era considerado *sophos*, pois, para Heródoto a *sophia* dos citas residia nesta característica, sendo nómadas, andavam com as casas de região em região (*phereoikoi*), e dificilmente eram alcançados pelos seus inimigos<sup>109</sup>, além disso, se nada possuíam, os inimigos nada podiam conquistar-lhes. A este respeito, Esopo comenta que o cita se orgulha por não ter um lar, fazendo uma comparação com o sol que com a sua carruagem vaga de terra em terra, ao que Anacársis responde que por isso é que o sol

---

<sup>106</sup> A este respeito, sobre o conceito de paideia e seus derivados, ver JOUIN, 2005, vol. II, pp. 248-270.

<sup>107</sup> POPESCU, 2009, p. 142.

<sup>108</sup> Heródoto, *Histórias*, (4.46.1).

<sup>109</sup> Idem (4.46.3). Vide também MARTIN R.P., *The Scythian accent: Anacharsis and the Cynics*, in: BRANHAM, 1996, p. 145.

é "autônomo e governa tudo, sem ser governado por ninguém"<sup>110</sup>. Este modo de vida é considerado animalesco por Creso no *Banquete dos Sete Sábios*, com efeito, Creso ri-se deste hábito, no entanto, Anacársis é considerado um sábio e é Cleobulina, a filha do sábio Cleobulo, que penteia os seus cabelos<sup>111</sup> para que não pareça um selvagem no meio dos convivas. Apesar deste aspeto descuidado, Tales explica aos seus companheiros que Anacársis é prudente e instruído, pois ensinou a Cleobulina a sua medicina cita - dieta e purgação<sup>112</sup>.

Éforo foi o primeiro a introduzir Anacársis como um dos sete sábios<sup>113</sup>, mas apenas três autores nos oferecem narrativas de alguma extensão sobre ele: Plutarco, Luciano e Diógenes Lacércio<sup>114</sup>.

Anacársis, sendo cita, mostra-se contrário a algumas práticas gregas, tais como: a democracia reservada a um pequeno número de cidadãos; os jogos atléticos; ou o uso de flautas nos cultos religiosos, ao dar resposta afirmativa a Árdalo sobre se os citas também têm deuses, mas, ao contrário dos gregos, não necessitam de "ossos e pedaços de madeira", pois os deuses entendem a linguagem humana<sup>115</sup>.

Em Plutarco também nos são dadas a conhecer algumas ideias, máximas e preceitos de Anacársis, uma vez que aos Sete Sábios da Grécia eram atribuídas sentenças proverbiais, tais como: *um rei ou tirano pode ser ilustre desde que não seja ele o único a ser sábio*<sup>116</sup>; *o melhor governo é aquele em que se distingue pela virtude o que é*

---

<sup>110</sup> *O Banquete dos Sete Sábios*, Plutarco – 155a, trad. de LEÃO (2008). Diógenes também se compara ao sol (DL.6.63).

*Sem cidade, sem casa, sem pátria,*

*Um mendigo, um vagabundo, vivendo de um dia para outro* (DL.6.38). Cf. MARTIN, 2007, p. 165.

<sup>111</sup> Após as guerras com os Persas, foi introduzido em Atenas o costume de os homens usarem o cabelo curto, apenas alguns excêntricos, como os filósofos, usavam-no comprido. Usavam-se pentes de madeira de oliveira, de osso, de marfim e de bronze. Cf. GIORDANI, 1972, Cap. XII, p. 250.

<sup>112</sup> *O Banquete dos Sete Sábios*, Plutarco - 148e, trad. de LEÃO (2008).

<sup>113</sup> MESTRE, 2003, p. 313.

Cf. DL. I. 41-2.

<sup>114</sup> MARTIN, 2007, p. 161.

<sup>115</sup> *O Banquete dos Sete Sábios*, Plutarco - 150e, trad. de LEÃO (2008).

<sup>116</sup> *Idem* - 152a.

*melhor*<sup>117</sup>. Algumas sentenças, das quais as mais famosas, foram inscritas no templo de Apolo, em Delfos.

Somos informados do seu gosto pelo vinho puro, quando aponta a Sólon o medo da lei de Pítaco para o facto de não beber o vinho, Pítaco relembra a Anacársis que ele próprio ficara bêbado na casa de Lábis, em Delfos, e que pedira nessa ocasião o prémio e uma coroa. A esta observação, responde-lhe Anacársis que a finalidade de beber vinho sem mistura, característica dos Bárbaros, é justamente essa: a de ficar embriagado<sup>118</sup>. Tradicionalmente, os Bárbaros eram experientes em beber vinho puro, daí a expressão "beber como um cita", mas esse costume não era prática grega e até era vista como sendo perigosa<sup>119</sup>.

No banquete, é ele o sábio que mais uso faz das fábulas com animais, como paradigma de comportamento<sup>120</sup>, por exemplo, relembra a fábula da raposa e do leopardo para proferir que a aparência externa não importa<sup>121</sup>; segundo ele, há felicidade doméstica desde que os habitantes compartilhem tudo, assim acontece num ninho de aves ou num formigueiro<sup>122</sup>.

Pouco se conhece sobre Anacársis, príncipe cita, viajou bastante por toda a Grécia e adquiriu tal reputação de sabedoria que figura da lista dos famosos Sete Sábios<sup>123</sup>, embora a lista não tivesse sido sempre a mesma; a mais difundida, do tempo de Platão,

---

<sup>117</sup> *Idem* - 153f.

<sup>118</sup> *Idem* 155f - 156a.

<sup>119</sup> Hérodoto (6.84) - Cleómenes de Esparta terá morrido depois de enlouquecer por ter bebido na companhia dos Citas.

Sobre o hábito cita de beber, vide LISSARAGUE, F., *The Aesthetics of the Greek Banquet: Images of wine and ritual*, Princeton, 1990, 7, pp. 11-13.

*É ao fogo que os conhecedores testam o ouro e a prata; é o vinho que mostra o que é o espírito de um homem, mesmo de um homem muito sensato, pois quando ele gosta de beber sem medida, beberá a um ponto onde mesmo o sábio pode-se cobrir de vergonha.*

TEÓGNIS. *Poemas elegíacos*, pp. 499-502. Segundo a tradução de CARRIÈRE, Jean. *Théognis. Poèmes élégiaques*. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

<sup>120</sup> MARTIN, in: BRANHAM, 1996, p. 147.

<sup>121</sup> *O Banquete dos Sete Sábios*, Plutarco - 155b, trad. de LEÃO (2008).

<sup>122</sup> *Idem* - 155c.

<sup>123</sup> ARMSTRONG, 1948, p. 19.

é a seguinte: Tales de Mileto, Periandro de Corinto, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, Cleobulo de Lindos, Sólon de Atenas e Quílon de Esparta<sup>124</sup>.

Anacársis seria filho de Gnuro e irmão do rei Saulio, rei da Cítia<sup>125</sup>, teria sangue real e a sua mãe seria grega, por isso ele sabia falar grego<sup>126</sup>.

Diógenes Laércio fala-nos sobre a sua morte. Quando regressou à sua pátria, tendo ficado convencido da utilidade dos hábitos helénicos e da bondade das leis de Sólon, quis introduzi-las na sua pátria, porém, é morto durante uma caçada pelo seu próprio irmão. Anacársis executava ritos gregos, pelos quais o irmão nutria desprezo, assim, torna-se ele vítima da cultura que outrora criticara, é o cita helenizado que trouxe para seu próprio prejuízo os ritos da Grande Mãe de Cízico<sup>127</sup>.

Heródoto faz menção ao povo cita na obra *Histórias*, livro IV, principal fonte acerca deste povo, aludindo a Anacársis e à influência grega da qual foi alvo. O que é estranho, segundo Heródoto, é o facto de os próprios citas não saberem nada acerca desta figura<sup>128</sup>. Tal facto talvez se devesse aos citas não gostarem de estrangeiros, e, tendo Anacársis deixado a sua pátria para se cultivar na Grécia, aprendendo e integrando-se nos costumes helénicos, considerado como grego, votaram-no ao esquecimento<sup>129</sup>; também pode ter sido por este único filósofo da Cítia, que os Gregos consideravam um sábio, ter desaparecido antes da sua influência ter sido sentida entre o seu povo<sup>130</sup>.

Quanto ao nome da personagem<sup>131</sup>, apesar de haver quem clame a sua origem iraniana, poderemos vê-lo composto pela preposição *ανά* e *χάρσιν*, que poderá significar graça (*χάρις*) e alegria (*χαρά*), assim, Anacársis poderá ser alguém que se comporta ou que vai a algum lado com alegria ou que aprende com gosto o que lhe é

---

<sup>124</sup> Higino, *Fabulae*, CCXXI, *Os Sete Homens Sábios*.

<sup>125</sup> Heródoto, *História* (4.76). Embora haja relatos de que seria irmão do rei Caluidas. Cf. nota 123.

<sup>126</sup> MARTIN, in: BRANHAM, 1996, p. 151 (DL. I.101).

ARMSTRONG, 1948, p. 19.

<sup>127</sup> *História* de Heródoto (4.76) situa a sua morte perto de uma gruta dedicada a Hécate, o que faz lembrar a estreita relação entre Hesíodo e a *Teogonia*. Cf. DL. I. 102

<sup>128</sup> Idem, 4.76.5.

<sup>129</sup> MESTRE, 2003, p. 309.

<sup>130</sup> RICE, 1974, p. 84.

<sup>131</sup> Sobre este assunto, vide: MESTRE, 2003, p.308.



transmitido onde se encontra, sendo-lhe assim associado o gosto de estar na Grécia e de aprender com alegria hábitos helénicos pela boca do sábio Sólon.

#### - OS CITAS

Os Citas tornaram-se uma entidade reconhecida pouco antes do século VIII a.C., contrariando a ideia dos gregos de que seriam a raça mais antiga do mundo<sup>132</sup>.

Apesar de possuírem algumas características civilizadas que os aproximam dos gregos, por exemplo serem monógamos, comerem comida cozinhada ou fazerem sacrifícios aos deuses, têm hábitos selvagens, como fazer uma toalha da pele dos inimigos e cortar a cabeça das suas vítimas, usando-as como troféus ou as caveiras como recipientes de onde bebem o seu sangue. Brindavam sobre uma mistura de sangue e vinho, onde primeiro mergulhavam a ponta das espadas, em voto de irmandade de sangue ou para selar um juramento. Era um povo preguiçoso e bem-disposto que aproveitava o tempo para beber e fazer estes votos e juramentos, cantando e dançando ao som de tambores e instrumentos de corda semelhantes a alaúdes<sup>133</sup>.

O carácter assassino, da pirataria e de outros atos violentos do povo cita, é descrito por Estrabão<sup>134</sup> no Livro VII da obra *Geografia*, mas também o gosto do luxo, adquirido pelo contacto com o povo grego.

Hipócrates<sup>135</sup>, na obra *Dos Ares, Águas e Lugares* (17-22), faz referência ao povo cita, porque, para este estudioso grego, muitas epidemias relacionavam-se com fatores climáticos, raciais, dietéticos e do meio onde as pessoas viviam, assim, descreve alguns dos seus costumes e como o meio em que viviam influenciava o seu comportamento.

Segundo ele, este povo é apelidado de nómada, pois não vive em casas, mas em carroças, das quais a mais pequena tem quatro rodas, mas algumas têm seis; são

---

<sup>132</sup> RICE, 1974, p. 21.

<sup>133</sup> RICE, 1974, pp. 56-63. Para ver uma representação desta cena de dois citas a beber de uma única taça num voto de fraternidade, ver MINNS (18), fig. 98, p. 203 (MINNS, E. H., *Scythians and Greeks*, Cambridge, 1913).

<sup>134</sup> Estrabão, (c. 64 a.C. - c. 24 d.C.), historiador, geógrafo e filósofo grego, foi o autor da monumental *Geografia*, um tratado de 17 livros que contém a história e descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido até à época.

<sup>135</sup> Cós, 460 – Tessália, 377 a.C. Considerado o "pai da medicina", é referido como uma das grandes figuras entre Sócrates e Aristóteles durante o florescimento intelectual ateniense.

cobertas de feltro, espécie de material ou tecido feito por empastamento da lã ou do pelo, à prova do mau tempo (frio, chuva e neve), e construídas à semelhança de casas, algumas com um só compartimento, mas outras chegam a ter três. As carroças são puxadas por juntas de bois, dois ou três, sem cornos, nelas estão as mulheres; os homens, por sua vez, montados, acompanham-nas juntamente com os animais, cavalos, bois e carneiros. Ao chegar a um determinado local, aí se deixam ficar, desde que haja alimento para sustentar os animais, depois, então, migram para outro local, uma vez que a sua maneira de viver dependia até certo ponto da existência de comunidades agrícolas.

Os Citas alimentam-se de carne de caça de toda a espécie, como de cavalo, cabrito e carneiro, que era cozida em grandes caldeirões, comem também atum, esturjão, vegetais, como cebola, alho e feijão, e bebem leite de égua fermentado, fazendo queijo deste, era a refeição corrente, designada por *kumis*, ainda hoje popular no Cáucaso e na Mongólia<sup>136</sup>.

Quanto à fisionomia são baixos e um povo pouco numeroso. Hipócrates apresenta as razões que o justificam, referindo a pouca fertilidade como consequência do seu estilo de vida. Como levam uma existência sedentária, em constantes migrações, raramente andam a pé, mas a cavalo e nas carroças, sendo por isso gordos e com a pele morena, mas devido ao frio e não ao sol.

## **SÓLON**

Sólón terá vivido entre 640 a.C. a 558 a.C., o poeta ático, estadista e legislador ateniense, aristocrata de nascimento, seria filho de uma família importante, mas empobrecida, ter-se-á dedicado inteiramente à política, após ter trabalhado no comércio, atividade na qual se recompôs financeiramente, após a ruína da família.<sup>137</sup> Dedicado ao comércio, viajou bastante, foi até à Jónia e até mais longe, talvez até ao Egito; de regresso à pátria, e tendo encontrado esta dividida em frações, escreveu elegias para exortar os seus concidadãos ao entendimento, condenando a cupidez e arrogância aristocrática.

---

<sup>136</sup> RICE, 1974, p. 62.

<sup>137</sup> JARDÉ, 1977, p. 58.

Gozou de grande prestígio em Atenas, sendo considerado um dos sete sábios. Eleito arconte por unanimidade em 594 a.C., iniciou importantes reformas sociais na pólis ateniense, tendo aberto a participação na *ekklesia* (assembleia popular) a todos os cidadãos atenienses. Mostra uma profunda preocupação pelo destino de Atenas, fazendo a apologia da *eunomia*, responsabiliza a *dysnomia* pela desgraça da polis<sup>138</sup>.

Da sua obra em Atenas constava, de entre outras medidas, a lei Seisahteia, que significa “aligeiramento do fardo”, a abolição da escravidão por dívidas, aliás, depois de Sólon, não há mais escravos de origem ateniense em Atenas; a redução dos casos de pena de morte; a reforma timocrática ou censitária: a participação não era mais por nascimento, mas censitária; terá criado também o Conselho dos 400 (*Boule*); e a reforma do sistema ático de pesos e medidas, substituindo o sistema monetário enigético pelo eubóico, por exemplo, 100 dracmas novos, ao preço da prata, correspondiam a 73 antigos, reduzindo as dívidas em 27%<sup>139</sup>.

Foi sucessor de Drácon, cujas leis, estabelecidas por volta de 621 a.C., eram consideradas insuficientes e de extrema severidade, tendo por isso dotado a cidade de um novo código de leis, reformas e instituições no plano económico, individual e político.

No entanto, o arcontado de Sólon não iria resolver plenamente os problemas de Atenas, não apaziguaram os conflitos sociais, uma vez que estas medidas desagradaram à aristocracia, que não queria perder os seus privilégios oligárquicos, e também ao povo, que desejava mais que uma política censitária, a promoção de uma reforma agrária; não tendo contentado nem os nobres nem os pobres, sentia-se no meio destas duas forças<sup>140</sup>.

*Ao povo dei situação que lhe baste,  
sem lhe tirar nem lhe arrebatam a honra.  
Aos que tinham poder e eram considerados pelas suas riquezas,  
a esses prescrevi que não sofressem nenhum desacato;  
um forte escudo lancei sobre ambos.*

---

<sup>138</sup> Sobre as medidas de Sólon enquanto legislador, vide: FERREIRA, 1992, pp. 41-46/66-72.

<sup>139</sup> Sobre as reformas de Sólon, vide DIAKOV V, 1976, pp. 92- 96.

<sup>140</sup> CARTLEDGE, 2009, cap. IV, pp. 46-54.

*Não consenti que nenhum deles vencesse injustamente*<sup>141</sup>.

### III - CONCLUSÃO

*Anacársis* ou *Sobre os exercícios físicos* insere-se nesta última fase da vida de Luciano, pertencendo aos textos luciânicos mais importantes, indubitavelmente, os diálogos satíricos. A obra tem uma estrutura natural e simples de diálogo, apenas com duas personagens, Sólon e aquele que dá nome à obra, em que um dos interlocutores interroga o outro, querendo esclarecer-se sobre a educação grega, nomeadamente sobre os exercícios físicos, contrapondo em tom irónico as respostas que lhe são dadas, não há recurso a elementos fantásticos, não se tornando no entanto insípida por recorrer ao discurso jocoso, sobretudo de Anacársis.

Enquanto Anacársis faz uso de uma linguagem simples, aludindo a exemplos básicos, Sólon expressa-se usando elaboradas comparações e alegorias<sup>142</sup>, estas diferentes representações de pontos de vista promovem o diálogo entre ambas as personagens e momentos de interação cultural.

Na comicidade, através da ironia e humorismo, reside a inovação de Luciano, pois não se limita apenas a imitar modelos, mas a parodiar, através da troça promove a reflexão sobre os hábitos da época<sup>143</sup>.

Esta obra em termos estruturais é muito semelhante à *Hermotimo* ou *As escolas filosóficas*, as personagens movem-se na vida real, que é suficiente para a trama, sem incidentes que perturbem a ação.

Anacársis, ao visitar Atenas, torna-se pupilo de Sólon, para que este o instrua sobre os hábitos helénicos e o convença da utilidade das práticas vistas e descritas, para que lhe dê uma lição sobre a educação dos jovens gregos, da qual os exercícios corporais são parte integrante. Porém, torna-se tarefa árdua e infrutífera, pois as investidas de Anacársis obrigam Sólon a mudar a sua argumentação; começa por defender convictamente os exercícios físicos, que promovem corpos perfeitos, de seguida, alega

---

<sup>141</sup> Frg. 5, vv 1-6 Diehl, trd. de ROCHA PEREIRA, 1995, p. 111.

<sup>142</sup> MATUREN, 2009, p. 262.

<sup>143</sup> (*Era*) um homem que via o mundo através do ceticismo e cuja profissão era a sátira. A. Lesky, 1995.

que são essenciais para assegurar a defesa da pólis, e, no final, justifica-os como preparação para a guerra.

É descrita uma educação extensiva ao conjunto de homens livres da comunidade cívica, uma educação prototípica e democrática. É tratado assim um tema comum, mas de uma forma peculiar, analisado e descrito segundo uma perspectiva diferente da habitual, resultando daí o efeito paródico. Os Gregos gostavam de cultivar o corpo e de participar em competições e jogos desportivos, este espírito agónico característico dos gregos já se encontra nos Poemas Homéricos<sup>144</sup> e Luciano altera a nossa perceção das tradições que nos eram tão familiares para as enquadrar num novo contexto ao serviço da sátira<sup>145</sup>, combinando elementos sérios com elementos cómicos. É de salientar a comicidade que resulta quando Anacársis ironicamente imagina os atletas que vão ao encontro dos inimigos completamente besuntados de azeite e cobertos de pó ou envergando os fatos teatrais.

Anacársis, afastado da posse dos bens materiais, aproxima-se dos cínicos por representar um pensamento e estilo de vida primitivo e incorrupto, por satirizar com humor situações convencionais entre os Gregos, tornando ridículos e incongruentes os acontecimentos que sucedem nos ginásios e os seus autores. Podemos assinalar vários aspectos cínicos nesta personagem: o seu ponto de vista, nomeadamente ao desprezar os exercícios físicos, uma vez que os considera perda de tempo, podendo antes os cidadãos dedicarem-se à prática da virtude; ao achar que cada uma das cidades tem um local apropriado em que podem ficar loucos - o ginásio, e que o azeite era uma droga que provocava a loucura; ao tomar os comportamentos dos animais como modelo, relacionando hábitos humanos aos de animais, quando inicialmente (I-2), numa crítica mordaz, compara o comportamento dos atletas a enguias, porcos, carneiros e galos, questionando a utilidade daquelas práticas.

Anacársis funciona como representante da orientação cínica de Luciano, um meio para criticar as ancestrais instituições gregas, pois através de um estrangeiro é possível

---

<sup>144</sup> Cf. canto XXIII da *Ilíada*, onde se descrevem provas atléticas nos jogos fúnebres, em honra de Pátroclo, organizadas pelo seu amigo Aquiles; e o canto VIII da *Odisséia*, onde se descrevem os jogos dos Feaces, organizados pelo rei Alcínoo, em honra do hóspede recém-chegado Ulisses. Cf. SILVA 2000, pp. 57-60.

<sup>145</sup> BRANHAM, 1985, pp. 237-243; VALVERDE GARCÍA, 1999, pp. 225-234.

dizer o que de outro modo não o seria. O autor veste, em boa parte, a pele de um dos dois interlocutores intervenientes no diálogo - o que não constitui caso único: Luciano adota em outras obras a personalidade de estrangeiro<sup>146</sup>.

A analogia entre Anacársis e Luciano não é de difícil percepção, ambos são bárbaros, relativamente às tradições helénicas, tendo viajado movidos pelo desejo de aprender, comparação encontrada na obra *O Cita* (9). A jornada não é apenas física, mas essencialmente cultural, e promove a amizade baseada nas leis da hospitalidade.

Constitui opinião generalizada que Luciano terá inventado um novo género literário, o diálogo cómico, fazendo do diálogo satírico um género original, e as suas melhores e mais divertidas obras foram. Nesta obra em particular, ele explora um dos aspectos mais interessantes da civilização grega, a prática do atletismo, revelando o espírito helénico, apreciador da beleza e do vigor corporal, do espírito sadio de emulação e das honras prestadas ao mérito.

---

<sup>146</sup> MARTIN, in: BRANHAM, 1996, pp. 136-155.

## TRADUÇÃO

Texto grego usado para a tradução:

M. D. MACLEOD, *Luciani Opera*, Tomus II – Libelli 26-43, Oxford University Press, 1974.

*Anacársis ou Sobre os exercícios físicos*  
*Luciano de Samósata*

1 – ANACÁRSIS

Por que razão, Sólon, os vossos jovens se comportam deste modo? Uns, enleados, pregam rasteiras entre si; outros apertam-se e dobram-se como varas de vimes, rebolando-se na lama e chafurdando como porcos.

Com efeito, primeiro despem-se apressadamente — eu bem vi —, untam-se abundantemente com azeite<sup>147</sup> e esfregam-se uns aos outros com muita calma. Mas, de seguida, vá-se lá a saber o que lhes dá, atiram-se uns aos outros de cabeça baixa e chocam com as testas de frente, como carneiros. Depois repara que um agarra no adversário pelas pernas<sup>148</sup> e atira-o ao chão; logo de seguida, lança-se sobre ele, não o deixando levantar-se e empurra-o para a lama; por fim, entrelaça as pernas à volta da barriga do adversário, empurra o cotovelo contra a sua garganta e esgana o infeliz, que, entretanto, lhe bate nos ombros, suplicando, penso eu, para que não o sufoque daquela maneira<sup>149</sup>.

Porém o azeite, com o qual se untaram, não evita que se sujem, pelo que, desaparecendo a oleosidade, o suor mistura-se com a poeira e fazem-me rir, pois parecem enguias deslizando pelas mãos.

2 – No exterior do pátio, outros fazem exatamente o mesmo; porém, estes, em vez de estarem na lama, estão numa fossa cheia de areia, a qual vão espalhando uns nos

---

<sup>147</sup> Antes de iniciarem a luta, os concorrentes untavam o corpo com azeite e deitavam um pouco de terra para evitar que a pele se tornasse escorregadia. O objetivo deste preparativo e o que se segue, aos olhos de Anacársis, é explicado na continuação do passo. A descrição é feita sob o olhar deste estrangeiro, alheio às tradições gímnicas, resultando daí um efeito paródico a esta prática da cultura grega. As diferentes técnicas de luta admiradas por Anacársis serão explicadas por Sólon mais adiante.

<sup>148</sup> Ou seja, "prega-lhe uma rasteira". Cf. *Eu Lúcio - Memórias de um Burro*, nota 29 - MAGUEIJO, LUCIANO II, 2001-2007.

<sup>149</sup> Na luta grega era necessário provocar por três vezes a queda do adversário para se consagrar vencedor. Considerava-se que tinha ocorrido uma queda quando as costas, ombros ou peito do adversário tivessem tocado o chão.



outros para raspar a poeira, à semelhança do que fazem os galos — para dificultar, penso eu, a fuga ao enlace, pois a areia neutraliza a ação de deslize do azeite e oferece a seco uma presa mais segura.

3 – Outros, de pé, cobertos de pó, atiram-se uns aos outros aos murros e aos pontapés. De resto, este coitado parece que vai cuspir os dentes a qualquer momento, de tal modo a sua boca está cheia de sangue e areia, pois levou um soco nos queixos, como vês. No entanto, o árbitro não os separa, nem põe fim à luta - suponho que seja um árbitro<sup>150</sup> já que está vestido de cor púrpura<sup>151</sup>; pelo contrário, incita-os e elogia o que malha no outro.

4 – Em qualquer lado, todos se mostram muito ativos e saltam como se estivessem para correr, ficando, contudo, no mesmo local, a pular e a dar pontapés para o ar.

5 – Gostaria de saber que proveito resulta de tudo isto: parece-me que uma tal conduta se assemelha mais a loucura do que a outra coisa, e não será fácil convencer-me de que estes, que assim se comportam, batem bem da cabeça<sup>152</sup>.

#### SÓLON

6 – É compreensível, Anacársis, que estes comportamentos te pareçam insólitos, por constituírem para ti um costume estranho, bem diferente dos hábitos citas. Da mesma forma, a vossa educação e os vossos costumes parecer-nos-iam, a nós gregos, igualmente estranhos, se algum de nós os testemunhasse, como tu hoje testemunhas os nossos. Todavia, tranquiliza-te, meu caro amigo, não é por loucura, nem por violência que estes jovens lutam uns contra os outros, se rebolam na lama ou se cobrem de poeira. Na realidade, isto tem certa utilidade, não é desagradável e proporciona ainda ao corpo uma força singular. De resto, se permaneceres durante algum tempo na Grécia, como imagino que venhas a fazer, não tardarás a ser tu

---

<sup>150</sup> Neste contexto *archon* não tem sentido político, trata-se na verdade de um uso genérico, equivalente a 'responsável' ou 'árbitro', portanto, não o cargo de 'arconte', uma das mais antigas e importantes magistraturas de Atenas. Nas competições dramáticas, havia um arconte que era responsável por escolher o ator principal. Cf. GIORDANI, 1972, p. 256.

<sup>151</sup> As túnicas de cor púrpura eram usadas pelos hoplitas espartanos, cor que ocultaria as manchas de sangue. Cf. idem, p. 211.

<sup>152</sup> Sobre a aversão aos costumes gregos por parte dos Citas, ver LEÃO, p. 69, 2010.

mesmo um dos que se lançam à lama ou se cobrem de poeira. E assim, esta ocupação também a ti irá parecer igualmente agradável e útil!

ANACÁRSIS

Alto aí, Sólon! Guardai lá para vós essas práticas úteis e agradáveis; se alguém me fizesse algo de semelhante, ficaria a saber que não é à toa que nós andamos armados com uma cimitarra<sup>153</sup>.

7 – Em todo o caso, diz-me que nome se dá ao que aqui se passa, como havemos de designar o que fazem?

SÓLON

A este sítio, Anacársis, chamamos ginásio<sup>154</sup> e é consagrado a Apolo Lício. Podes ver a estátua dele apoiada numa coluna, com um arco no braço esquerdo<sup>155</sup> o braço direito está colocado sobre a cabeça como se mostrasse que o deus está a descansar de uma longa fadiga.

8 – Quanto aos exercícios, aquele na lama chama-se luta, mas os que se exercitam no meio do pó são também lutadores; chamamos pancrácio à luta livre disputada de pé.

---

<sup>153</sup> Espada curta e curva, de dois gumes, dos Persas e dos Citas. Os Citas usavam espadas que chegavam por vezes a medir 75 cm e adagas curtas, de dois gumes, atadas à perna esquerda por uma fita, além de temíveis facas de diferentes comprimentos e feitios. O arco era considerado a arma principal de dupla curvatura, era feito de chifres com cabo de nervo, com setas que foram evoluindo nos materiais: pedra, osso, bronze e ferro; a aljava onde traziam setas e arcos, conhecida por *gorytus*, andava pendurada à cintura sobre a anca esquerda.

Sobre o "arreio e equipamento" deste povo, ver RICE, 1974, p. 74-77.

<sup>154</sup> É curioso constatar que Anacársis, o "bom selvagem", foi, tal como sucedeu com Luciano, uma personagem aproveitada para posteriores obras de ficção. Veja-se, a exemplo, a obra novelesca de Jean-Jacques BARTHÉLEMY, *Voyage du jeune Anarcharsis en Grèce* (4 vols., 1787). Anacársis, no século IV a.C., portanto, fora do contexto temporal da obra de Luciano, é inicialmente apresentado como "o sábio Anacársis, tão célebre entre os gregos e tão indignamente tratado entre os citas" (p. 2). Ao longo desta extensa obra, é o próprio jovem Anacársis que nos relata as suas viagens, desde a saída da sua pátria até à chegada a Atenas no capítulo VI, a partir do qual descreve esta cidade e os seus costumes, inclusive os ginásios (cap. VIII, pp. 146-151). Embora sendo um trabalho de ficção literária, esta obra é interessante pelas descrições históricas que são feitas, apoiadas em autores e obras da época.

<sup>155</sup> O arco é "a arma por excelência de Apolo. Ele também era um deus guerreiro, capaz de, com o seu arco e as suas flechas, enviar de longe, tal como a sua irmã Ártemis, uma morte rápida e doce" - GRIMAL, 1951, p. 34.

Mas nós temos outros exercícios: o pugilato, o disco e o salto. Existem concursos para todas estas modalidades; o vencedor é considerado superior a quantos o rodeiam e recebe prémios<sup>156</sup>.

## 9 – ANACÁRSIS

E que prémios são esses que atribuíste?

### SÓLON

Nos jogos<sup>157</sup> Olímpicos é uma coroa de oliveira silvestre; nos Ístmicos, uma coroa de pinheiro, nos Nemeus uma coroa feita de aipo entrançado, em Delfos o fruto das árvores sagradas do deus Apolo<sup>158</sup>, e, entre nós, nas Panateneias, o azeite das oliveiras sagradas<sup>159</sup>.

Porque te ris Anacársis? Parecem-te estes prémios de pouco valor?

### ANACÁRSIS

Não, Sólon, na verdade acho-os magníficos: referiste-me um tipo de prémios dignos de ser usados e a conquista de dádivas desta grandeza merece os esforços sobre-

---

<sup>156</sup> No estádio, um longo retângulo ladeado por um outeiro, em que se acomodam os espetadores, realizam-se as diferentes corridas a pé, simples (*dromos*) e dupla (*dolichos*), corrida com armas (*hoplitodromia*), entre outras. Também se realizavam outras competições: a luta (*pale*), o pugilato (*pygme*) e o pancrácio (*pankratíon*) que unia a luta e o pugilato. O pentlato (*pentathlon*) incluía cinco provas: saltos (transpunham-se fossos ou outros obstáculos), corrida, luta (procurava-se deitar o adversário ao chão de modo que tocasse a terra com os dois ombros), lançamento do disco (que era uma chapa circular de bronze, com diâmetro variável e devia ser arremessado o mais longe possível) e pugilato (luta às punhadas em que as mãos se revestiam com correias de pele de boi, ou seja, uma espécie de box).

No hipódromo, que era maior do que o estádio, efetuavam-se corridas de carros de duas rodas puxados por dois ou quatro cavalos através de um percurso de cento e setenta metros. Havia também competições de cavaleiros.

No último dia das festividades, eram distribuídos os prémios que tinham um valor simbólico.

Cf. GIORDANI, 1972, Cap. XIII, p. 274.

<sup>157</sup> Estas competições eram inseridas em festivais religiosos.

<sup>158</sup> Trata-se do loureiro.

<sup>159</sup> O azeite das ânforas panatenaicas provém das oliveiras sagradas, as *moríai*, que descendem de uma oliveira que Atenas plantara na Acrópole. A deusa armada figura nestas ânforas, pintada a verniz negro sobre o fundo vermelho do barro, bem como os galos, símbolo do espírito competitivo. Era punido quem tocasse nestas árvores sagradas, pertencentes ao Estado e protegidas pelo areópago.

Cf. ROCHA PEREIRA, 2006, p. 348, nota 29; pp. 30-34.

humanos dos atletas. É natural que, em troca de frutos e aipos assim, eles se sujeitem a tais penas e corram o risco de serem esganados e de se mutilarem uns aos outros, como se não fosse fácil obter abundância de fruta, quando lhes apetecer, e de se coroarem com aipo e pinheiro, sem ter que besuntar a cara com lama e sem andar aos pontapés à barriga dos adversários.

#### 10 – SÓLON

Mas, ó caro amigo, nós não ligamos à simplicidade dos prémios; com efeito, eles apenas são sinais da vitória e símbolos dos vencedores. A glória que daí provém é que é um prémio inestimável para os vencedores: é por ela que parece bem receber pontapés aos que perseguem uma notável reputação através destes exercícios, pois não a podemos obter sem esforço. Pelo contrário, é preciso que todo aquele que a deseja resista a muitas dificuldades no início, para então alcançar o resultado útil e agradável destas fadigas<sup>160</sup>.

#### ANACÁRSIS

Com essa ideia de alcançar um resultado útil e agradável, queres tu dizer, ó Sólon, que todos devem coroar e enaltecer pela vitória os que, pouco antes, víamos a lutar e dos quais tivemos pena por causa dos socos que recebiam? Felizes os que recebem frutos e aipo em troca de sofrimento!

#### SÓLON

Tu é que ainda não conheces os nossos costumes, mas, dentro em pouco, mudarás de opinião, quando vieres aos nossos festivais e vires uma multidão de pessoas a reunir-

---

<sup>160</sup> Espera-se alcançar o tipo de celebridade descrito por Píndaro quando o poeta promete "nos cantos exaltar Hípocles pelas coroas / admirável ainda mais entre os companheiros e os anciãos / e doce pensamento para as virgens" (*Píticas*, 10.57-59).

As homenagens aos vencedores são testemunhadas nos epinícios de Píndaro, as odes triunfais que "celebram o valor dos campeões da Grécia como o aedo homérico celebrava as gestas dos heróis: esta *arete* que a vitória revela e que manifesta a encarnação de um tipo quase sobre-humano de personalidade ideal." MARROU, *Histoire*, p. 72, in: GIORDANI, 1972, Cap. XIII, p. 274.

Píndaro e Simónides eram os dois maiores poetas gregos nesta forma lírica, destinada a perpetuar a glória alcançada nos jogos. Dos epinícios de Simónides apenas nos chegaram alguns fragmentos, mas de Píndaro possuímos 45. Estas odes eram encomendadas e depois cantadas, com acompanhamento de flauta e lira, nos santuários das cidades onde se tinham realizado os jogos ou na cidade ou casa do vencedor. Cf. FERREIRA, 2000, pp. 45-55.

se para testemunhar estes jogos, os anfiteatros cheios de milhares de espetadores, os atletas repletos de elogios e o seu vencedor a ser considerado um émulo dos deuses<sup>161</sup>.

#### 11 – ANACÁRSIS

Pois aí está, Sólon, a grande humilhação: é que não é sob o olhar de algumas pessoas que eles suportam estes tratamentos, mas à vista de uma multidão de espetadores, testemunhas desta violência, que devem julgá-los bem-afortunados quando os veem cobertos de sangue ou sufocados pelo adversário. Na verdade, é esta a grande ventura que acompanha a sua vitória.

Para nós Citas, Sólon, se alguém bate num cidadão, se o ataca e manda ao chão, se lhe rasga as vestes, os anciãos infligem-lhe um enorme castigo. Mas infligem-lhe a pena diante de poucas testemunhas, e não nesses teatros abertos como os que tu me descreves em Istmo ou Olímpia. Porém, não posso deixar de ter pena dos atletas, quando vejo o que eles sofrem. Quanto aos espetadores, dizes tu que são os mais importantes que vêm para assistir a estes festivais<sup>162</sup>, pois estou bem admirado que eles descuidem os assuntos urgentes do estado para se virem divertir com estes jogos! Nem sequer consigo compreender como é possível que eles tenham prazer em ver estes homens a lutarem, a andarem à pancada, a serem atirados ao chão e a magoarem-se uns aos outros.

#### 12 – SÓLON

Anacársis, se estivéssemos na época dos jogos Olímpicos, Ístmicos ou das Panateneias, perceberias, vendo o que se passaria, que não temos culpa de mostrar tanto entusiasmo por estes espetáculos. Bem, não posso pela descrição transmitir-te o prazer que terias se lá estivesses, sentado no meio dos espetadores a contemplar a coragem dos atletas, a beleza dos corpos, a notável forma física, a incrível experiência, a irresistível pujança, a audácia, a ambição, o espírito invencível, a inefável sede de vitória... Tenho a certeza de que tu não te cansarias de elogiar, de gritar e de aplaudir!<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> Kakridis considera o atleta como o último elo da cadeia familiar entre deuses e heróis. Cf. FERREIRA, 2000, p. 48.

<sup>162</sup> FERREIRA, 2010.

<sup>163</sup> Estes espetáculos eram muito aclamados; os espetadores vibravam, especialmente, no último dia de celebrações em que se coroavam os atletas vencedores numa cerimónia festiva, com cânticos e odes em

### 13 – ANACÁRSIS

Por Zeus, Sólon, que, além de me rir com vontade, ainda iria ridicularizar. Todas as qualidades que me enumeraste: a coragem, a forma física, a beleza e a audácia, vejo que são desperdiçadas em causas fúteis, sem que o país esteja em perigo, a região ameaçada<sup>164</sup> e sem que os vossos amigos ou familiares tenham recebido qualquer insulto. Parecem eles ainda mais ridículos com todas essas qualidades que lhes atribuis, sujeitando-se a tudo isto para nada: sofrem maus tratos, desonram a beleza e a força com areia e olhos negros, só para ganhar uma maçã ou um ramo de oliveira após a vitória. Na verdade, vale bem a pena lembrar prêmios assim tão esplêndidos!

Mas diz-me lá, é verdade que todos os atletas os recebem?

SÓLON

Não, nem pensar! Só um entre todos, quem entre eles vencer.

ANACÁRSIS

Então, ó Sólon, tantos homens sofrem por uma vitória incerta e duvidosa, sabendo que haverá apenas um vencedor, sendo grande o número de vencidos que, coitados, terão recebido em troca de nada socos e ferimentos?

14 – SÓLON

Parece, Anacársis, que tu ainda não refletiste sobre os meios de bem governar o Estado ou então não censurarias o melhor dos nossos costumes. Se tens curiosidade em saber um dia como é que um Estado estabelece a constituição mais perfeita e torna os seus cidadãos nos melhores, então, tu aprovarás estes exercícios e a honra que através deles nós cultivamos; reconhecerás o grande valor que se encontra na prática destes esforços que te parecem hoje vãs ocupações.

ANACÁRSIS

---

honra dos vencedores, para os quais este dia era o mais significativo das suas vidas como atletas, pois traziam honra e glória não só ao vencedor, mas também à sua família e à sua polis, comportando prestígio pessoal e social. Cf. FERREIRA, 1995, p. 192.

<sup>164</sup> Acerca da ideia de que é nos campos de batalha que o cidadão alcança a glória, de que a sua *arete* reside na coragem em combate, vide FERREIRA, 2010, pp. 13-17.

Bem, Sólon, não vim eu da Cítia até aqui para junto de vós, tendo viajado por tantas regiões, atravessado o tão vasto e tempestuoso Euxino<sup>165</sup>, com outro intuito senão o de aprender as leis dos Gregos, compreender os vossos hábitos e estudar a melhor forma de governar. Foi por isso que, no meio de tantos Atenienses, eu te escolhi para meu amigo e anfitrião, depois de ter ouvido o rumor de que tu tinhas criado certas leis, introduzido excelentes costumes, fundado úteis instituições, organizando, enfim, um harmonioso governo. Instrui-me a partir de agora, aceita-me como teu pupilo, e, de hoje em diante, sentado a teu lado de livre vontade sem comer e beber, tu poderás falar, e eu, de boca aberta, ouvir-te-ei discursar sobre o governo e as leis<sup>166</sup>.

#### 15 – SÓLON

Não é fácil, meu amigo, expor todos esses assuntos em tão pouco tempo; mas, se tu queres conhecer cada um deles em particular, vais ouvir-me falar sobre deuses, progenitores, casamentos e outros dos nossos costumes. Quanto ao que pensamos acerca dos nossos jovens e ao modo como os educamos, assim que começam a discernir o bem, a tornarem-se fisicamente homens e a suportar trabalhos, vou-te já explicar tudo, para que saibas por que razão nós instituímos estes exercícios e submetemos os seus corpos às fadigas, pois, na verdade, não é só por causa dos jogos ou dos prémios que eles possam receber – até porque poucos são os que os alcançam, mas pelo enorme proveito que daí resulta para toda a cidade e para eles mesmos. Na

---

<sup>165</sup> Na obra novelesca de BARTHELEMY, o capítulo I narra a saída de Anacársis da Cítia, passando pelo Ponto Euxino até chegar a Bizâncio.

O mar Negro, originalmente chamado de Ponto Euxino, é um mar interior situado entre a Europa, a Anatólia e o Cáucaso, ligado ao oceano Atlântico através dos mares Mediterrâneo e Egeu e por diversos estreitos; tem uma área de 436 400 km<sup>2</sup>, uma profundidade máxima de 2 206 metros e um volume de 547 000 km cúbicos.

Conhecido por "mar negro" devido à presença de grande quantidade de sais minerais que lhe dão uma coloração escura, foi conhecido pelos gregos como Ponto Euxino, e pelos turcos e turcomanos como Karadeniz.

<sup>166</sup> Anacársis assume aqui a posição de pupilo, enquanto estrangeiro que se propõe aprender costumes gregos através de Sólon, uma personalidade reconhecida; com efeito, a literatura dá-nos muitos exemplos em que isso acontece, em que um sábio ensina ou aconselha alguém. Sobre o papel formativo do sábio ver LEÃO, 2008 pp. 13-19.

verdade, existe um outro combate comum a todos os bons cidadãos e a coroa não é de pinho, nem de oliveira ou aipo, mas encerra em si mesma a felicidade humana: quero eu dizer, a liberdade de cada cidadão em particular e da pátria em geral; a riqueza, a glória, o prazer dos rituais pátrios, a preservação do que é nosso, ou seja, tudo o que de mais belo podemos desejar dos deuses: todos esses bens são entrelaçados na coroa de que eu te falo e não podem ser adquiridos a não ser através deste combate para o qual aquelas práticas e exercícios preparam.

16 – ANACÁRSIS

Então, Sólon, como é que tu, um homem tão espantoso, tinhas para me falar de recompensas assim tão notáveis, e discorrias apenas acerca de frutos, aipos, ramos de oliveira selvagem e de pinheiro?

SÓLON

Sem dúvida, Anacársis, que estes prémios já não te parecem assim tão mesquinhos agora que entendes o que eu te tenho estado a dizer: com efeito, provêm do mesmo espírito de sabedoria, tudo isto é uma pequena parte deste grande combate, desta coroa de bem-aventurança da qual te tenho estado a falar.

A nossa conversa, não sei como, afastou-se do rumo, e expliquei-te primeiro o que se fazia no Istmo, em Olímpia e Nemeia. Mas, uma vez que temos tempo e tu manifestas desejo em ouvir-me, podemos facilmente recuar até às suas origens e à luta pública, que, como eu te digo, é apenas uma preparação para tudo o que se segue.

ANACÁRSIS

Sim, será melhor proceder como sugeres. Seguindo essa via, seguramente que a nossa discussão será mais profícua e mais rapidamente ficarei convencido de que me não devo rir de quem vejo a dar tanta importância a uma coroa de aipo ou de oliveira. Entretanto, se quiseres, vamo-nos sentar ali à sombra nos assentos, para que as aclamações aos que lutam não nos interrompam. Além disso, tenho que admitir que já não suporto muito bem este sol, que está muito forte e me queima a cabeça desnuda. Com efeito, pareceu-me melhor deixar o meu boné em casa para que não parecesse o único estrangeiro no meio de vós<sup>167</sup>. Nós estamos numa época do ano que é muito

---

<sup>167</sup> Cf. GIORDANI, 1972, cap. XII, p. 251: "habitualmente, os atenienses não usavam chapéus. Em caso de mau tempo cobriam-se com um simples barrete de feltro chamado *pilos* (πίλος); havia ainda um boné



ardente, quando o astro a que vocês chamam de cão abrasa tudo, deixando o ar muito quente e abafado. O sol, ao meio-dia, já bate nas nossas cabeças e produz um calor insuportável nos corpos. Estou até espantado que um homem como tu, já com uma certa idade, não sues sob este calor implacável, como eu, nem sequer pareças incomodado, nem procures uma sombra para te abrigares e suportares assim melhor este sol.

## SÓLON

Anacársis, estes exercícios inúteis, todas estas cambalhotas na lama, estas fadigas ao ar livre e na areia é que nos servem de armadura contra os golpes deste sol: aí está porque é que nós não precisamos de bonés que impeçam que os raios nos queimem as cabeças.

17 – Bem, mas vamos lá sentar-nos.

Antes de tudo, não acolhas o que eu digo como se de leis se tratasse, nem a tudo dês crédito; pelo contrário, no momento em que te parecer que eu te estou a dizer algo de incorreto, contradiz-me imediatamente e corrige-me o raciocínio. Assim, de certeza que não deixaremos de sair a ganhar: ou tu serás mais fortemente convencido, ao expores as tuas objeções, ou eu explicarei melhor o que eu julgo ser incorreto acerca destes assuntos. Nesse caso, toda cidade de Atenas será a primeira a concordar contigo, pois tu irás ensinar-me muita coisa, reformular para melhor as minhas opiniões e irás prestar um melhor serviço à nossa cidade. Longe de o encobrir, eu serei o primeiro a espalhar este feito, irei imediatamente para a Pnix<sup>168</sup> e direi a toda a

---

de couro (κυνή) e um chapéu de abas largas chamado *petasos* (πέτασος) para a proteção contra o sol quente."

Os citas usavam um barrete de feltro, isto é, o *pilos*, que aqui é apresentado como um elemento da indumentária própria de um estrangeiro (*xenos*). Numa representação de um vaso de Kul Oba, os homens trazem gorros em bico atados sob o queixo, à semelhança do que é conhecido por *bashlyk*, usado por crianças em certas partes da Rússia. Sobre o vestuário cita, vide RICE, 1974, pp. 63-70.

<sup>168</sup> No sistema democrático ateniense, a Pnix era o espaço no qual se realizava a Assembleia popular, aberta a todos os cidadãos. A partir do séc. V a.C., as sessões da Assembleia passaram a ser realizadas na colina da Pnix; até então, as reuniões da *Ekklesia* eram realizadas na Ágora, centro cívico, comercial e religioso da pólis. "A Pnix situava-se no alto de uma colina rochosa (*hai petrai*), a oeste da Acrópole. Tinha forma de um semicírculo que devia comportar bancos de madeira. A tribuna (*bema*) era talhada na rocha e tinha uma plataforma (9 m por 2), que se elevava à altura de um metro acima do solo. No

Assembleia: "Cidadãos de Atenas, fui eu que vos escrevi as leis que acreditei serem as mais úteis à cidade. Este estrangeiro que vedes - e mostrar-te-ei, Anacársis - é um cita, mas é uma pessoa sábia: ele mudou as minhas convicções, ele ensinou-me princípios e hábitos melhores. Por isso, registem-no como um dos nossos feitos e elevem-lhe uma estátua de bronze ao lado dos heróis fundadores ou na Acrópole, junto da própria Atena". Podes ter a certeza de que Atenas não ficaria envergonhada de receber de um estrangeiro, de um bárbaro, ensinamentos úteis.

#### 18 – ANACÁRSIS

Foi exactamente isso que eu ouvi dizer de vocês, Atenienses, que nos vossos discursos prevalecia sempre a ironia. Então, como é que eu, um nómada, um tipo simplório, que apenas viveu numa carroça, sempre errante de região em região, que nunca habitou numa cidade, que nunca viu nenhuma outra antes desta, poderia vir a discorrer sobre o governo, instruir um povo autóctone, que vive há longos anos numa das cidades mais antigas e governada pelas melhores leis? Que teria eu para te ensinar a ti, ó Sólon, que possuis, segundo se diz, desde a tua infância, essa grande arte de bem governar um Estado e de lhe dar as leis que asseguram a sua prosperidade? Apesar de me mereceres a confiança própria de um legislador, ainda assim irei expor-te as minhas objeções, quando as tuas palavras não me parecerem corretas, de modo a melhor assimilar os ensinamentos.

Bem, eis-nos então aqui, abrigados do sol, sob uma sombra densa, sentados agradável e confortavelmente nesta pedra fresca. Retoma então o teu discurso desde o início.

Por que razão submetem os jovens a estas tribulações logo desde a infância? Como é que eles se tornam admiráveis cidadãos na lama e através destes exercícios? De que modo o pó e as cambalhotas os conduzem à virtude?

Eis o que eu, já de seguida, tenho curiosidade em saber; quanto ao resto, ensinar-me-ás depois, na devida ocasião, segundo a importância de cada assunto. Lembra-te no entanto, ao falares comigo, Sólon, de que te diriges a um bárbaro. Digo-te isto para que não compliques, nem alongues o teu discurso. É que temo esquecer os primeiros assuntos assim que passes aos seguintes.

---

fundo, erguia-se o altar de Zeus *Agoraios*, onde, antes de cada sessão, eram celebradas cerimónias religiosas. A Pnix podia conter cerca de 20.000 cidadãos." Cf. JARDÉ, 1977, p. 18.

## 19 – SÓLON

Orienta tu isto da melhor forma, Anacársis; a partir do momento em que a conversa não te pareça muito clara ou se disperse em divagações, vai perguntando o que tu quiseres e corta-me a palavra. Se, entretanto, essas divagações não se afastarem muito do nosso propósito, nada impedirá, creio eu, de as desenvolver. Existe, desde tempos imemoráveis, o mesmo procedimento no conselho do Areópago, quando aí julgamos um caso de homicídio. Logo que se dirigem para a colina e se sentam para se pronunciarem sobre um homicídio, ofensas corporais premeditadas ou um incêndio, a palavra é dada a cada uma das partes em disputa<sup>169</sup>. O queixoso e o réu falam cada um na sua vez, ou eles mesmos ou quem tome a palavra pela vez deles. Enquanto os oradores se cingem ao assunto do pleito, o conselho permanece atento, escutando-os em silêncio; mas, se eles proclamam um exórdio antes do discurso, para conseguirem a benevolência, se eles procuram provocar a compaixão ou indignação, fugindo à questão – através de muitos desses esquemas oratórios que enrolam os juízes - um arauto intervém desde logo e impõe-lhes silêncio, não os deixa divagar diante do conselho, nem camuflar o assunto com palavras, pois os Areopagitas devem ver os factos despidos<sup>170</sup>. Ora bem, Anacársis, nomeio-te também a ti Areopagita: escuta-me segundo a norma do conselho, impõe-me silêncio, se me vês a fazer retórica; mas, enquanto eu não fugir ao assunto, posso alongar-me na argumentação.

Já nem estamos ao sol, posição desagradável quando a conversa se torna longa; aqui a sombra é densa e temos vagar.

### ANACÁRSIS

Tens razão Sólon, e eu agradeço-te desde já por me teres ensinado o que se passa no Areópago. É realmente algo de admirável e digno dos membros do conselho, como somente a verdade lhes dita o voto. Prossegue então, agora seguindo estas condições,

---

<sup>169</sup> O Areópago deteve os poderes soberanos até 462 a.C., altura em que Efiltes e Péricles lhe retiraram grande parte das funções, tendo, a partir de então, apenas ficado com a autoridade de julgar os crimes referidos por Sólon – cujo comentário é obviamente anacrónico. Estes juízes, os areopagitas, tinham competência para julgar os crimes de morte premeditada, de fogo posto e de envenenamento.

<sup>170</sup> A *isegoria*, liberdade de expressão, era condenada quando os oradores se desviavam do assunto do pleito, tentando seduzir o coletivo de juízes com divagações retóricas.

e eu, novo Areopagita, segundo a tua nomeação, escuto-te de acordo com a norma do conselho.

## 20 – SÓLON

Antes de tudo, é necessário que te elucide, em breves palavras, sobre o nosso conceito de cidade e de cidadão. Para nós, uma cidade não é apenas um amontoado de construções, tais como muros, templos ou docas; todas estas construções são, na verdade, como um corpo sólido, que oferece aos habitantes uma morada segura e permanente. No entanto, para nós, o elemento essencial da cidade são os cidadãos, pois são eles que a povoam, governam, dirigem os assuntos e a mantêm segura; são para ela o que o espírito é para cada um de nós. Assim, segundo este modo de ver as coisas, nós temos o cuidado, como podes ver, de embelezar o corpo da cidade e de a tornar a mais bela possível, seja ornamentando os interiores dos edifícios, seja fortificando o exterior com muralhas que a tornam segura. Mas a nossa principal preocupação é formar bons cidadãos<sup>171</sup>, espiritual e fisicamente fortes, com o desejo ardente de que tais cidadãos administrem a cidade em tempo de paz e a defendam em tempo de guerra, mantendo-a livre e feliz. A primeira educação dos jovens está confiada à mães, às amas e aos pedagogos, que os educam com uma formação liberal e os alimentam. Quando já estão aptos a compreender o que é o bem, quando a vergonha, o pudor, o temor, o desejo das boas ações os invadir, quando os seus corpos desenvolvidos e robustos nos parecerem preparados para o trabalho, dedicamo-nos então a eles e ensinamo-lhes os conhecimentos e os exercícios do espírito; depois passamos então para outro método, até se acostumarem à fadiga. Com efeito, não nos parece suficiente que cada um cresça como nasceu, quer no corpo, quer no espírito; na verdade, precisamos do auxílio da educação e dos conhecimentos que podem alterar para muito melhor as disposições naturais, ou transformar os vícios em boas qualidades. Nós adotamos o exemplo dos agricultores: enquanto as plantas ainda são rebentos delicados, eles protegem-nas e amparam-nas para as abrigar do vento, mas, quando o rebento já está fortalecido, podam os ramos que estão a mais e entregam-nas à agitação e ao abalo dos ventos, para as tornar mais frutíferas.

---

<sup>171</sup> A população ateniense era constituída por três categorias legais: os cidadãos, os metecos e os escravos. Até à lei de Péricles de 451-450, bastava ter pai cidadão ateniense para se passar a ser cidadão.

21 – Bem, primeiro, nós tocamos-lhes o espírito com música e aritmética, depois ensinamo-los a escrever e a ler corretamente. Quando são mais velhos, declamamos-lhes os preceitos de homens sábios, os ilustres feitos dos antepassados e os discursos úteis, que nós expomos em verso, para melhor serem memorizados. Ao ouvirem proezas heróicas e feitos memoráveis através da declamação, aprendem muito mais e ficam entusiasmados, pois também eles desejam ser objeto de declamação e de admiração na posteridade, tal é o efeito que os poemas de Hesíodo e de Homero produzem em nós. Por fim, logo que começam a acercar-se da política, já podem participar nos assuntos públicos. Mas talvez isto tudo se afaste do nosso propósito, pois inicialmente não era suposto ouvirmos falar acerca dos exercícios do espírito, mas acerca das práticas pelas quais os jovens se exercitam. Imponho-me, por isso, silêncio a mim mesmo, sem esperar ordens do arauto ou tuas, Areopagita, que, provavelmente por respeito, me deixas divagar assim para fora do assunto.

ANACÁRSIS

Diz-me, por favor, Sólon, para quem não diz ao Areópago toda a verdade, ocultando-a com o silêncio, não lhe é aplicada uma punição pelo conselho?

SÓLON

Porque levantas essa questão? Não estou a perceber...

ANACÁRSIS

Porque tu passas à frente o que me dá gozo ouvir, o mais nobre e interessante: a educação do espírito, para me falares dos ginásios e dos exercícios físicos, seguramente menos essenciais.

SÓLON

Eu lembro-me, meu caro, das condições inicialmente estabelecidas e não me quero alongar em divagações, para não baralhar os assuntos na tua cabeça. Todavia, vou-te falar sumariamente desses assuntos, mas a análise mais profunda desta questão será objeto de outra exposição.

22 – Nós formamos o carácter dos jovens, explicando-lhes as leis comuns, que são expostas à vista de todo o povo, escritas em letras grandes para que todos as consigam

ler, prescrevendo o que podemos ou não fazer<sup>172</sup>; também através do convívio com os homens virtuosos, que os ensinam a ter conversas úteis, a praticar a justiça, a viver em comunidade, a distanciar-se do mal, a praticar o bem e a fugir da violência. Esses homens são conhecidos por sofistas<sup>173</sup> e filósofos. Entre outros sítios, juntamo-nos nos teatros, onde os educamos para a vida pública através das comédias<sup>174</sup> e tragédias, nas quais vão contemplando as virtudes e vícios dos antepassados, e assim evitam algumas ações e procuram seguir outras. Nós permitimos que os atores de comédia ridicularizem e satirizem os cidadãos, pois assim ficam-se a conhecer os podres e as vergonhas da cidade, na esperança de que estes ultrajes transformem para melhor esses homens perversos, e que outros se afastem de tais exemplos negativos.

#### ANACÁRSIS

23 – Eu vi, Sólon, esses atores de tragédias e comédias que tu referes: eram mesmo eles, calçados com uns sapatos pesados e altos, vestidos com roupas com cintas douradas e cobertos com capacetes ridículos<sup>175</sup>, que têm uma abertura enorme por onde saem altos gritos, e nem sei como é que eles andam com tamanha firmeza com aqueles sapatos! A cidade, penso eu, celebra então a festa em honra de Diónisos<sup>176</sup>. Os comediantes eram mais baixos, de aspeto vulgar, assemelhavam-se mais aos homens e gritavam menos; mas a máscara deles era ainda mais ridícula e todo o teatro desatava

---

<sup>172</sup> As leis eram por vezes escritas em pedra e expostas na ágora ou outros locais públicos para poderem ser lidas e respeitadas por todos. Cf. FERREIRA, 1992, p. 72.

<sup>173</sup> Os sofistas foram antes pedagogos que propriamente filósofos, segundo Protágoras a sua missão era educar as pessoas - (καὶ ὁμολογῶ τε σοφιστῆς εἶναι καὶ παιδεύειν ἀνθρώπους) "admito que sou sofista e que educo homens", *Protágoras*, de Platão (317b) -, podendo, por isso, ser considerados os primeiros mestres de um ensino mais aprofundado na Antiguidade Clássica. Cf. GIORDANI, 1972, Cap. XIII, p. 265.

<sup>174</sup> A entrada da comédia nos festivais dionisíacos foi tardia, cerca de meio século após a tragédia, por volta de 486 a.C.

<sup>175</sup> São na verdade as máscaras que os atores usavam; Anacársis assim os descreve uma vez que eles cobrem a cabeça, assemelhando-se a capacetes. O termo capacete em vez de máscara sublinha o desentendimento do que Anacársis vislumbra, sublinhando a sua distância em relação aos costumes gregos.

<sup>176</sup> Um dos festivais atenienses mais importante era o das Grandes Dionísias, celebrado no início da Primavera; de tal modo era o seu valor, que até soltavam alguns prisioneiros para que pudessem assistir aos espetáculos.

a rir (quando os via); mas, quanto àqueles de elevada estatura, olhavam-nos todos com tristeza, pois acho que tinham pena de vê-los arrastar aquele calçado tão alto.

#### SÓLON

Não, meu caro, não era deles que tinham pena, mas o poeta expunha, sem dúvida, alguma antiga história trágica aos espetadores e eles recitavam no teatro os versos trágicos, através dos quais os espetadores eram levados às lágrimas<sup>177</sup>. É também provável que tu tenhas visto tocadores de flauta e ainda outros em círculo que cantavam em coro. Esses cantos, Anacársis, e essas flautas não existem em vão. Todas essas práticas e acessórios estimulam o espírito e incentivam os nossos jovens para a prática do bem.

24 – Quanto aos corpos, assunto que tu desejas em particular conhecer, eis como nós os exercitamos: andam despidos, como já te tinha dito, logo que ganhem força e consistência. A nossa primeira intenção é acostumá-los ao ar livre, familiarizá-los com todas as estações, de modo a não estranharem o calor ou ficarem sensíveis ao frio; depois, untamo-los com azeite e esfregamo-los para que se tornem vigorosos. Na verdade, é absurdo pensar que as peles amolecidas pelo azeite se tornam mais resistentes e duram mais tempo, estando mortas, e que um corpo, ainda vivo, não há-de beneficiar do mesmo tratamento. De seguida, estabelecemos diversos exercícios, nomeando instrutores para cada um. Assim, um ensina pugilato e outro o pancrácio para que se habituem a suportar a fadiga, a enfrentar os socos dos adversários e a não desistir com medo dos golpes. Este método produz neles dois efeitos que são para nós de grande utilidade: torna-os intrépidos diante dos perigos e despreocupados com o corpo; e, por outro lado, mais robustos e determinados. Estes que lutam de cabeça baixa, aprendem a cair em segurança, a levantar-se com facilidade: habituam-se a chocar uns contra os outros, a enlaçar-se, a ganhar flexibilidade, a ser agarrados pela garganta e a erguer no ar o adversário. Este exercício é sem dúvida bastante útil, pois permite-lhes adquirir a primeira e a mais preciosa das qualidades: tornarem os corpos insensíveis à dor e firmes, alcançando uma outra vantagem, não menos importante,

---

<sup>177</sup> A poesia exercia um especial poder no ouvinte: "Aqueles que a escutam sentem um arrepio cheio de terror, uma piedade cheia de lágrimas e um lamento que a dor acaricia", Górgias, *Elogio de Helena* (9).

pois, através deste método, tornam-se experientes se algum dia sentirem a necessidade de usar estes conhecimentos como ferramenta de guerra.

É evidente que um homem assim treinado, ao encontrar-se com um inimigo, imediatamente o enfrentará e, se ele cair, levantar-se-á bem mais rapidamente. Assim sendo, Anacársis, nós adotamos esta luta como arma e temos o costume de acreditar que assim são formados melhores soldados; flexibilizando antes de tudo os corpos nus e exercitando-os, tornamo-los mais enérgicos, resistentes, ágeis, fortes e temíveis perante os inimigos.

25 – Estás a ver, penso eu, o que se poderá encontrar debaixo das armas, pois, mesmo completamente nus, provocam o terror nos inimigos; eles não têm nenhuma gordura a mais, nem um aspeto pálido ou uma magreza doentia, comum às mulheres, cujos corpos murcham à sombra, se arrepiam, se enchem de suor num instante e nunca seriam capazes de respirar debaixo do capacete, principalmente ao meio dia, como agora, em que o sol queima bastante. Que utilidade teriam eles consumidos pela sede, incapazes de resistir à poeira, petrificados ao ver sangue, moribundos antes mesmo de preparar os dardos e de os lançar aos inimigos?

Os nossos jovens com cor, bronzeados pelo sol, têm um ar másculo, cheio de vida, fresco e vigoroso, refletem a boa condição física, nenhum deles está enrugado ou com peso a mais, mas são bem constituídos. O que não interessa, o excesso de carne, é dissolvido pelo suor, o que sustenta o vigor e a energia é a pureza que fica do que é mau, restando o que é saudável; tal como os peneiradores fazem ao trigo, os nossos exercícios fazem aos nossos corpos: atiram fora a palha e a barba, e separam e guardam o grão limpo.

26 – Consequentemente, mantêm-se sãos e com força para enfrentar durante mais tempo as fadigas; é preciso muito para começarem a suar e raramente os vemos doentes. É como se alguém pegasse no próprio trigo e o atirasse para a fogueira, e ao mesmo tempo também a palha e a espiga - volto novamente ao peneirador - a palha, creio eu, arderá muito mais rapidamente, enquanto o trigo arderá bem mais lentamente, com labaredas não tão altas e que não consomem tudo de uma só vez, mas, ardendo lentamente, acabará por se consumir com o tempo.

Bem, nem doenças, nem fadigas, invadindo estes corpos assim exercitados, podem facilmente derrubá-los ou dominá-los; o interior está bem preparado e o exterior



fortemente protegido contra tais assaltos, e assim não admitem a entrada nem do sol, nem do frio, pois prejudicam os corpos. Para prevenir os desânimos causados pelas fadigas, uma vaga de calor emerge do interior, previamente adquirida e armazenada para quando fosse necessária, invade-os subitamente, distribuindo um novo vigor e tornando-os infatigáveis por muito tempo; assim sendo, tudo o que sofreram e suportaram não constitui um desperdício de força, mas uma benesse: e a chama torna-se maior.

27 – Além disso, nós treinamo-los para que sejam velozes corredores, estando habituados a aguentar não só largas distâncias, como também preparados para serem ágeis em curtas corridas; e a corrida não é feita num terreno firme e resistente, mas em areia funda, onde não é certo o pé firme, nem é fácil manter o pé sem que afunde num solo instável. Também os treinamos a saltar uma vala, se necessário, ou outro obstáculo, levando inclusive em cada mão pesos de chumbo tão grandes quanto possam agarrar.

De seguida, eles competem no lançamento do dardo. Também viste no ginásio um outro disco de bronze, circular, semelhante a um pequeno escudo sem punho e sem correia; de facto, tu até tentaste levantá-lo e pareceu-te pesado e difícil de mover devido à sua textura tão lisa. Bem, eles lançam-no ao ar e à distância, rivalizando entre eles para ver quem o lança mais longe e ganha aos outros. Este exercício fortalece os ombros e desenvolve os músculos nos braços e nas pernas.

28 – A lama e o pó, que te pareceram inicialmente tão absurdos, aprende, meu caríssimo, por que razão são usados. Em primeiro lugar, para que, em vez de caírem num solo rijo, possam cair sem perigo num solo mole; em segundo lugar, é necessário que os seus corpos se tornem mais escorregadios, quando o suor se mistura com a lama, o que te fez compará-los às enguias. Ora, isto nada tem de inútil ou ridículo, mas contribui particularmente para a força e o vigor, tendo em conta que, estando ambos nesta situação, são obrigados a prender com força o adversário, para o impedir de escapar. Com efeito, não penses que é fácil agarrar alguém completamente besuntado de azeite e lama, e que faz de tudo para escapar das mãos do outro e deslizar. Assim, como eu te dizia, todos estes exercícios são úteis para a guerra, quando é preciso retirar um amigo ferido, transportando-o, ou apanhar um inimigo, trazendo-o carregado aos ombros. Por isso, nós os exercitamos até à fadiga, impondo-lhes uma

tarefa penosa, para que eles executem de seguida as mais pequenas lidas com muito mais facilidade.

29 – Quanto ao pó, pensamos que ele serve justamente para o oposto: para impedir que os lutadores se escapem quando estão presos. Após terem sido treinados na lama a agarrar um corpo que escapa por causa da oleosidade, estando eles próprios presos, também se acostumam a escapar das mãos dos adversários, mesmo quando pensam não ter saída. Além disso, o pó, espalhado pelo corpo, ajuda a travar a abundância de suor e prolonga a resistência que os protege das aragens que se lançam sobre os corpos desprotegidos e com os poros abertos. Por outro lado, limpa a sujidade e torna a pele mais sedosa. Gostaria de meter lado a lado um desses jovens de tez pálida que viveu à sombra e um desses que tenha treinado no Liceu, à tua escolha, lavado e já sem pó ou lama, perguntando-te de seguida com qual dos dois gostarias de te assemelhar. Tenho a certeza de que, logo à primeira vista, e sem testar a força de cada um, tu preferirias ser robusto e forte a ser delicado e insosso, com um aspeto deslavado causado pela falta de circulação do sangue e por este estar refugiado nas partes interiores.

30 – Estes são os exercícios, Anacársis, aos quais nós submetemos os nossos jovens, esperando assim que eles se tornem corajosos protetores da nossa cidade, e que, graças a eles, possamos viver em liberdade, vencer os nossos inimigos, se eles nos atacarem, e tornarmo-nos temíveis perante os nossos vizinhos, para que a maioria, vencida pelo medo, nos pague tributo. Durante a paz, eles mostram-se ainda mais virtuosos, afastando-se de tudo o que provoca vergonha, desviando-se da insolência provocada pela ociosidade, passam o tempo com estes exercícios, estando assim ocupados. Esse bem comum, essa suprema felicidade do Estado, que eu já referi, realmente existe quando a juventude, quer na paz, quer na guerra, procurando para si o melhor, revela que tem disposição para o que nos parece mais nobre.

31 – ANACÁRSIS

Então, Sólon, quando os inimigos vos atacam, vocês vão ao encontro deles besuntados de azeite e cobertos de pó, atacando-os com socos? Claro que eles ficam com medo de vocês e fogem, receando que, estando eles boquiabertos, lhes atirem areia para a boca, ou que, saltando por trás, se ponham às suas cavalitas, que entrelacem as pernas à sua cintura e os estrangulem, colocando a mão por debaixo do capacete. Sim, por Zeus, é

evidente que, quando vos atacarem com flechas e lançarem dardos, estas armas não vos afetarão, como se vocês fossem estátuas bronzeadas pelo sol e providas de muito sangue. Na verdade, vocês não são palha de trigo ou espigas para ceder tão facilmente aos golpes; só muito tempo depois de terem sofrido profundos golpes é que mostrariam algumas gotas de sangue. É isto que estás a dizer, a não ser que eu não tenha entendido bem as tuas comparações. 32 – Ou então, vocês adotam aquelas panóplias dos atores de comédias e tragédias, e, logo que haja uma expedição, colocam aquelas máscaras com as bocas escancaradas, de modo a parecerem mais medonhos aos inimigos, assustando-os, e, claro, calçam aqueles enormes sapatos, que são leves se precisarem de fugir e, caso persigam os inimigos, impedem que eles vos escapem, graças às largas passadas.

Cá para mim, todas essas habilidades são apenas parvoíces, criancices, passatempos de quem nada tem para fazer, de jovens que querem ter uma vida fácil. Se vocês querem realmente ser livres e felizes, devem estabelecer outros exercícios e outras práticas relacionadas com armas, a luta não deve ser feita pelo desporto uns contra os outros, mas contra os inimigos, adquirindo coragem no meio dos perigos. Assim, tendo abandonado o azeite e o pó, ensinem-nos a atirar o arco e a lançar o dardo, e não lhes deem dardos leves que possam ser levados pelo vento, mas que tenham uma lança pesada, que assobia quando arremessada, uma pedra que encha a mão, uma arma de dois gumes<sup>178</sup>, um escudo na mão esquerda, uma armadura e um elmo.

33 – Parece-me que, no estado em que se encontram, estão a ser salvos pela bondade dos deuses ou por outra coisa qualquer, pois ainda não foram derrotados pelo ataque de nenhuns soldados desarmados. Olha lá, se eu, retirando esta pequena espada que tenho à cintura, caísse sozinho sobre todos estes jovens, com apenas um grito eu conquistaria o ginásio; fugindo cada um por si, sem ousar olhar o ferro, iriam refugiar-se à volta das estátuas e esconder-se atrás das colunas, fazendo-me rir, enquanto a maior parte estaria em lamúrias e a tremelicar. Então, tu já não verias esses corpos corados como agora estão, mas tornar-se-iam de imediato completamente pálidos,

---

<sup>178</sup> Arma usada pelas tribos Citas, ver Heródoto, *História*, 1.215, 4.5.

descorados pelo medo. A paz marcou-vos de forma tão profunda, que dificilmente suportariam ver uma só crista de um capacete inimigo<sup>179</sup>.

#### 34 – SÓLON

Todavia, os Trácios, que fizeram uma campanha contra nós, juntamente com Eumolpo<sup>180</sup>, não dizem isso, Anacársis, nem as vossas mulheres, que marcharam com Hipólita<sup>181</sup> contra a nossa cidade, nem todos os que atentaram com armas contra nós. Crês tu, meu caro amigo, que, só porque os corpos dos nossos jovens estão nus enquanto os treinamos, nós os enviamos sem armas para enfrentarem os perigos? Logo que ganhem total confiança neles próprios, treinam então com armas, e delas fazem melhor uso, tendo tido esta preparação.

#### ANACÁRSIS

Onde é então o ginásio no qual treinam com armas? Eu ainda não vi nada disso na cidade, embora a tenha percorrido toda e em todos os sentidos.

#### SÓLON

Tu poderias vê-lo, Anacársis, se ficasses algum tempo connosco, e verias também as armas que existem em grande quantidade para todos, das quais fazemos uso quando é necessário, e as cristas, os arreios, os cavalos e os cavaleiros, que representam cerca de um quarto dos cidadãos. Porém, andar sempre armado e com uma cimitarra à cintura, achamos que é inútil em tempo de paz; de facto, existem até penas estabelecidas para aqueles que andam armados desnecessariamente dentro da cidade, ou que exibem armas em público, enquanto a vós é permitido viver sempre com armas. Quando se habita num sítio que não é fortificado, é mais fácil ser alvo de ataques, as guerras são numerosas e nunca se tem a certeza de quando virá alguém enquanto dormem, arrancando-vos da carroça para vos matar. Além disso, a falta de confiança

---

<sup>179</sup> Cf. Homero - *Ilíada* XVI v.70.

<sup>180</sup> Segundo a mitologia, Eumolpo foi um rei de Elêusis, filho do deus Poséidon e de Quíone, filha do deus do vento Bóreas e Oritia. Veio da Trácia para reinar em Elêusis. Durante a guerra entre Elêusis e Atenas, morreram tanto o rei de Atenas, Erecteu, quanto o filho de Eumolpo. A paz foi celebrada entre Atenas e Elêusis, para que Elêusis mantivesse o controlo dos mistérios eleusinos, submetendo-se embora no restante aos atenienses.

<sup>181</sup> Hipólita era rainha das amazonas, tribo de mulheres guerreiras descendentes de Ares.

nos outros, a independência e a ausência de vida em comum segundo a lei levam necessariamente ao ferro, para ter à mão uma defesa, em caso de ataque.

### 35 – ANACÁRSIS

Assim sendo, Sólon, vocês acreditam que é inútil andar sem razão com armas, mantêm-se afastados delas, para que não se estraguem com o uso, e guardam-nas cuidadosamente num depósito para serem usadas quando for necessário? Entretanto, sem terem passado por qualquer perigo, cansam os corpos dos vossos jovens, maltratando-os, esgotando-os em suores, em vez de os conservarem para situações de emergência, fazendo-os andar em vão na lama e no pó?

### SÓLON

Aparentemente, Anacársis, tu consideras que a força é como o vinho ou a água ou outro líquido qualquer. De certo modo, receias que a força, desaparecendo nos exercícios, se escape como o líquido de um vaso de argila, e que de seguida nos deixe o corpo vazio e seco, nada ficando que o possa restaurar. Mas isto não funciona assim; quanto mais a esgotamos com trabalhos, mais ela flui com abundância, como na fábula da Hidra da qual já certamente ouviste falar, em que, por cada cabeça cortada, surgiam duas no seu lugar<sup>182</sup>. Se um homem não praticar exercícios desde o início, se for descuidado ou não tiver armazenado suficientes reservas, será pois derrotado e vencido pela fadiga. O mesmo acontece com o fogo e com a lamparina; com o mesmo sopro tu acendes o fogo e torna-lo maior em breves instantes, avivando-o com o vento, e extingues a luz da lamparina que não tem um adequado fornecimento de matéria para resistir à força do ar, porque, segundo creio, não emerge de um pavio forte.

### 36 – ANACÁRSIS

Não compreendo bem isto, Sólon, as tuas ideias são para mim demasiado subtis, exigindo pensamentos precisos e reflexões profundas. Diz-me claramente a razão pela qual nos jogos Olímpicos, Ístmicos e Píticos, assim como noutros, para os quais, como tu disseste, acorrem pessoas de todas as partes para verem os jovens a combater,

---

<sup>182</sup> A Hidra tinha corpo de dragão e nove cabeças de serpente. Inicialmente Hércules tentou decepar as cabeças com uma foice, mas, a cada cabeça que cortava, surgiam mais duas no seu lugar. Decidiu então mudar de tática e, para que as cabeças não se regenerassem, pediu ao companheiro lolau que as queimasse com um tição logo após o corte, cicatrizando desta forma a ferida.

vocês nunca instituíram as lutas com armas, mas fazem-nos andar nus, exibindo-os a levar pontapés e socos, e oferecem aos vencedores frutos ou ramos de oliveira selvagem? Gostaria muito de saber porque é que agem assim.

SÓLON

Nós pensamos, Anacársis, que assim será estimulado o gosto pelos exercícios, ao verem ali os vencedores honrados e aclamados na presença de todos os Gregos. Assim sendo, uma vez que irão aparecer sem roupas em frente de uma numerosa assistência, têm a preocupação de se manterem em forma para que não se envergonhem da sua nudez e para que cada um seja digno da merecedora vitória. Além disso, os prêmios não são desprezíveis: ser aplaudido e aclamado pelos espetadores e ser apontado com o dedo como o melhor dos seus contemporâneos. E, muitos dos espetadores, que ainda têm idade para treinarem, não desdenham moderadamente estas marcas de glória, apaixonados pelos exercícios. Oh, caro Anacársis! Se baníssemos da vida o amor pela glória, que bem nos restaria? Ou quem iria desejar praticar algo de notável? Agora, após estes jogos, tens a oportunidade de tirares as tuas ilações sobre como se comportam na guerra em defesa da pátria, dos filhos, das esposas e dos templos, aqueles que lutam nus por um ramo de oliveira ou frutos secos, carregando tamanho desejo pela vitória<sup>183</sup>.

37 – Que dirias tu se aqui visses os nossos combates de codornizes e galos e o nosso entusiasmo perante tal espetáculo? Tu ririas, tenho a certeza, principalmente se soubesses que é segundo a lei que assim agimos, que é obrigatória a presença de todos os jovens em idade militar para verem essas aves a lutar até ao último suspiro. Por isso, isto não é ridículo, um desejo pelo perigo invade suavemente as suas almas para que não se mostrem mais fracos e cobardes do que os galos e para que não se deixem abater pelas feridas, pela fadiga ou por outras dificuldades.

---

<sup>183</sup> Os atletas viriam a ser excelentes soldados, como o demonstra episódio registado por Diodoro Sículo, referente a Mílon de Crotona: "Diz-se que este homem, seis vezes vencedor em Olímpia, guerreiro tão valente como bom atleta, avançou para o combate ostentando as coroas olímpicas e usando os atributos de Hércules, a pele de leão e a clava: artífice da vitória, conquistou a admiração dos seus concidadãos" (12.9.6).

Em Esparta, os vencedores, combatiam ao lado do rei.

Cf. YVON GARLAN, *O homem e a guerra*, in: VERNANT, 1993, cap. II, p. 67.

Quanto a levá-los a combater com armas e contemplá-los a ferirem-se, nem pensar! Seria um espetáculo selvagem, uma crueldade revoltante e, além disso, seria inútil degolar bravos guerreiros que nos poderiam ser mais úteis contra os inimigos.

38 – Anacársis, uma vez que pretendes percorrer toda a Grécia, lembra-te, quando estiveres em Esparta, de não gozares com eles e de não pensares que eles se esgotam em trabalhos inúteis quando se empurram uns aos outros no anfiteatro, perseguindo uma bola, ou quando reunidos num local rodeado de água, separados em falanges, eles próprios nus se atacam uns aos outros como inimigos, até que uma das partes expulsa a outra do recinto, levando-a para a água - a fação de Hércules à de Licurgo, ou ao contrário; após isto, prevalece a paz e já ninguém anda à pancada. Acima de tudo, não te rias se os vires a serem açoitados junto ao altar e repletos de sangue, enquanto os pais e as mães, assistindo a este espetáculo, longe de se agonizarem com o sofrimento dos seus filhos, os ameaçam se eles não resistirem aos golpes, suplicando-lhes que suportem a dor o mais tempo possível, aguentando as torturas<sup>184</sup>. Com efeito, vimos muitos morrerem nestas provas, não se atrevendo a desistir sob o olhar dos familiares, enquanto ainda respiravam, ou a ceder ao corpo; aí verás estátuas em sua honra, erguidas pelo povo de Esparta<sup>185</sup>.

Ora bem, quando testemunhares tudo isto, não os julgues loucos, nem digas que eles sofrem torturas sem qualquer necessidade, não tendo um tirano a obrigá-los ou inimigos a maltratá-los. Licurgo, em defesa deles, poderia dar-te muitas razões credíveis, justificando o propósito com que os castiga: não é por ser rancoroso, nem o faz por ódio, nem para sacrificar inutilmente os jovens da cidade, mas, estando eles destinados a salvar a pátria, por pretender que sejam mais resistentes e mais fortes

---

<sup>184</sup> A criança era acostumada a suportar a fome, o cansaço e a dor, e, anualmente, era chicoteada diante do altar de Ártemis Ortia. Esta cerimónia era um verdadeiro concurso de resistência, habituando-os à dor física. JARDÉ, 1977, p. 209.

<sup>185</sup> Até aos sete anos os espartanos eram educados em casa pelas mães, mas a partir daí eram introduzidos no mundo masculino do ascetismo e da competição. Do sucesso no mundo da competição dependia a oportunidade de arranjar mulher; aliás, são até as mulheres espartanas as primeiras a impor-lhes o respeito pelo código guerreiro "com o teu escudo ou em cima dele". Xenofonte fala do desprezo a que um covarde se tinha de sujeitar: "e é obrigado a ter em casa as raparigas da sua família e a suportar as suas acusações de vilania, a ver o seu coração privado de uma mulher, e a pagar uma multa por isso" (*Constituição dos Espartanos*, 9,5).

perante qualquer sofrimento<sup>186</sup>. Além disso, se Licurgo não to disser, tu próprio compreendes, penso eu, que tal cidadão, se for capturado em guerra, nunca há-de revelar um segredo de Esparta, quando torturado pelos inimigos, mas, rindo, há-de ser castigado, desafiando o torturador para ver qual irá desistir.

39 – ANACÁRSIS

O próprio Licurgo, caro Sólon, também era durante a sua juventude açoitado, ou já não tinha idade para este exercício, tendo instituído estas práticas com segurança?

SÓLON

Ele já era velho quando escreveu estas leis para eles, ao regressar de Creta, para onde tinha viajado, porque tinha ouvido dizer que os cretenses eram o povo melhor governado desde que Minos, filho de Zeus, foi o legislador<sup>187</sup>.

ANACÁRSIS

E tu, Sólon, porque não imitaste Licurgo e não determinaste que os jovens fossem açoitados? É um costume nobre e digno de vós.

SÓLON

Porque nos são suficientes, Anacársis, estes exercícios de ginástica que são mesmo nossos, e por isso não nos preocupamos muito em imitar os costumes estrangeiros.

ANACÁRSIS

Ah é? Mas tu compreendes, penso eu, o que é ser açoitado todo nu com os braços no ar por nenhuma razão útil, nem para eles próprios, nem para a cidade em si. Quanto a mim, se alguma vez viajasse para Esparta, na altura em que existe tal prática, tenho a certeza de que seria imediatamente lapidado por eles em público, por rir cada vez que os visse a serem flagelados como se fossem ladrões, gatunos ou outros dessa espécie.

---

<sup>186</sup> A educação espartana (*agoge*) tinha como objetivo dotar a pátria de soldados vigorosos e bravos, hoplitas invencíveis. Para além da aprendizagem da música e dos rudimentos da escrita e da leitura, o treino militar constituía a parte principal da educação espartana: manejo de armas, corridas, saltos, lançamentos do disco e do dardo. Cf. GIORDANI, 1972, cap. XIII, p. 272.

<sup>187</sup> Licurgo, legislador de Esparta, seria filho de um rei espartano, a sua vida e atividades são conhecidas apenas a partir de narrativas lendárias. Terá viajado muito e em Creta estudado as instituições que os antigos dórios haviam estabelecido nessa ilha. Foi-lhe atribuída a introdução dos Poemas Homéricos em Esparta importados da Jónia; terá assumido o poder em Esparta com o objetivo de restabelecer a ordem, tendo reformado todas as instituições do país. Cf. JARDÉ, 1977, p. 53.



Realmente, acho que a cidade inteira precisa de heléboro<sup>188</sup>, uma vez que ela própria pratica loucuras.

SÓLON

Não te imagino, meu caro, a ganhares a tua causa por estares sozinho, sendo o único a falar de entre todos os homens. Há-de haver em Esparta alguém que defenda a causa oposta.

Porém, uma vez que te dei a conhecer os nossos costumes, com os quais tu não ficaste muito satisfeito, tenho o direito, acho eu, de te pedir que agora sejas tu a dizer-me como é que vós os citas educam os vossos jovens, em que ginásios andam e como se tornam bons homens.

ANACÁRSIS

É absolutamente justo, Sólon, e eu vou descrever-te os costumes citas. Não são assim venerados como os vossos, nem permitiríamos que nos dessem um único soco na cara, na verdade somos cobardes, mas dar-tos-ei a conhecer tal como são. Porém, adamos, se não te importas, a nossa conversa para amanhã, terei mais tempo para refletir sobre o que me disseste e para lembrar com calma o que tenho para dizer, avivando a memória. Posto isto, vamos embora que já se faz tarde.

---

<sup>188</sup> Ou *eléboro* - planta usada para curar doenças de foro nervoso, particularmente a insanidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **I - Edições, traduções e comentários**

ALSINA, J., *Luciano - Obras*, 2v., Alma Mater, Barcelona, 1962 e 1966.

HARMON, A.M., *Lucian, IV*, Yale University, The Loeb Classical Library.

COSTA, Desmond, *Lucian Selected Dialogues* - translated with an Introduction and Notes, Oxford University Press, 2005.

MAGUEIJO, Custódio, *LUCIANO ICONOCLASTA*, Coimbra, 21 de Janeiro de 2011.

MAGUEIJO, Custódio, *LUCIANO I*, Lisboa, 2001-2007, Edição do tradutor.

MAGUEIJO, Custódio, *LUCIANO II*, Lisboa, 2001-2007, Edição do tradutor.

MAGUEIJO, Custódio, *LUCIANO III*, 2008-2009, Edição do tradutor.

MAGUEIJO, Custódio, *LUCIANO IV*, Lisboa, 2009, Edição do tradutor.

MURACHCO, Henrique J., *Diálogo dos Mortos – Luciano*, São Paulo, 2008, pp. 26-31.

SANO, Lucia, *Das Narrativas Verdadeiras de Luciano de Samósata - Tradução, notas e estudo*, Universidade de São Paulo, Julho 2008.

### **ESTUDOS / ARTIGOS**

AMOURETTI, Marie-Claire & RUZÉ, Françoise, *O Mundo Grego Antigo – Dos palácios de Creta à conquista Romana*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993.

ANDERSON, G., *Lucian: a sophist's sophist*, Yale Classical Studies, v. 27, 1982, pp. 61-92.

ARMSTRONG, A. Macc., *Anacharsis the Scythian, Greece & Rome*, Vol. 17, No. 49, 1948, pp. 18-23.

AUSTIN, Michel, VIDAL-NAQUET, Pierre, *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*, Edições 70, Lisboa, 1972.

BARTHÉLEMY, Jean-Jacques, (1790), tradução de Don Ignacio Pablo Sandino de Castro, *Viage de Anacarsis El Joven por La Grecia*, Imprensa de Miguel Domingo, 1811 (Capítulos I, VIII e XV).

BRANDÃO, J.L., *A poética do hipocentauro*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BRANHAM, R. Bracht & GOULET-CAZE, Marie-Odile (eds.), *The Cynics - The Cynic Movement in Antiquity and Its Legacy*, University of California Press, 1996.

BRANHAM, R. Bracht, *Introducing a Sophist: Lucian's Prologues*, *TAPhA*, 115 (1985), pp. 237-243.

CARTLEDGE, Paul, *Ancient Greek Political Thought in Practice*, chapter 4: *Rule by some: the politics of Solon, c. 600 BCE*, Cambridge: University Press, 2009.

CASTER, M., *Lucien et la pensée religieuse de son temps*. Paris: Belles Lettres, 1937.

CORDE, Xavier, «*Scythes justes*» et «*Scythes féroces*»: *deux traditions relatives aux Scythes dans la Géographie de Strabon*, *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 31 N°1, 2005, pp. 79-91.

CROISSET, Maurice, *Essai sur la vie et les oeuvres de Lucien*, Hachette, Paris, 1882.

DIAKOV, V., KOVALEV, S., *História da Antiguidade – A Grécia*, Editorial Estampa, Lisboa 1976.

FERREIRA, José Ribeiro Ferreira, *Educação em Esparta e em Atenas: dois métodos e dois paradigmas*; in: *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2ª edição, Coimbra, 2010.

FERREIRA, José Ribeiro: “Próxeno e proxenia”, in: D. F. Leão, L. Rossetti e M. do Céu Fialho (eds.), *Nomos. Direito e sociedade na Antiguidade Clássica / Derecho y sociedad en la Antigüedad Clásica*, Coimbra e Madrid, Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004, pp. 227-239.

FERREIRA, José Ribeiro: “A heroização do vencedor na poesia grega”, in: *O espírito olímpico no início do novo milénio*, Coimbra, 2000, pp. 45-55.

FERREIRA, José Ribeiro, *Civilizações Clássicas I – Grécia*, Universidade Aberta, Lisboa, 1996.

FERREIRA, José Ribeiro: “O culto do corpo. Os grandes festivais pan-helénicos”, in: *As línguas clássicas. Investigação e ensino – II Actas*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1995, pp. 187-194.

FERREIRA, José Ribeiro, *A Grécia Antiga*, Edições 70, Lisboa, 1992.

FERREIRA, José Ribeiro, *A Democracia na Grécia Antiga*, Minerva, Coimbra, 1990.

FIALHO, Maria do Céu, *Rituais de Cidadania na Grécia Antiga*, in: *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2ª edição, Coimbra, 2010.

FIALHO, Maria do Céu, *Sobre o tempo em Píndaro*, in: *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho*, Coimbra, 1992.

GIORDANI, Mário Curtis, *Antiguidade Clássica I - História da Grécia*, 2ª edição, Editora Vozes Ltda., Petrópolis RJ, 1972.

GÓMEZ, Francesca & MESTRE, Pilar, *Luciano y la tradición de la mosca*, Universidad de Barcelona, pp. 353-364, in: E. Calderón, A. Morales, M. Valverde (eds.), *Koinòs Lógos. Omenaje al profesor José García Lopez*, Murcia, 2006.

GÓMEZ, Francesca & MESTRE, Pilar, *Luciano y la escuela*, in: *Actas del Simposio Internacional*, Universidad de Salamanca, 17-19 Noviembre, 2004, pp. 485-494.

GÓMEZ, Francesca & MESTRE, Pilar, *Retórica, Comedia, Diálogo. La fusión de géneros en la literatura griega del s. II d.C.*, in: *Myrtia* 16, 2001, pp. 111-122.

GÓMEZ, Francesca & MESTRE, Pilar, *Segunda Sofística y Luciano de Samosata*, Universidad de Barcelona, 2000, pp. 61-75.

GÓMEZ, Francesca & MESTRE, Pilar, *De Musa a Paideia, a propósito de la Vida de Luciano*, in: *Actas do VIII Congreso Español de Estudios Clásicos*, Vol. II, Madrid, 1994, pp. 205-211.

- GRIMAL, Pierre, *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2ª edição, DIFEL, 1951.
- JARDÉ, Auguste, *A Grécia antiga e a vida grega*, Editora da Universidade de S.Paulo, 1977.
- JOUIN, Patrick, *Lucien et les langues*, Volume I e II, Université de Nancy 2, 2005.
- KARAVAS, Orestis, *El orador-cisne: Luciano, la retórica y los rétores*, Universidad de Peloponeso, 2006, pp. 157-164.
- LEÃO, Delfim Ferreira, *A tradição dos Sete Sábios: o sapiens enquanto paradigma de uma identidade*; in: *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2ª edição, Coimbra, 2010.
- LEÃO, Delfim F., Plutarco, *Obras morais - O Banquete dos Sete Sábios*, Coimbra, 2008.
- LEÃO, Delfim Ferreira: “Os honorários dos atletas vencedores (a propósito de Plutarco, Sol. 23.3)”, in: *O espírito olímpico no início do novo milénio*, Coimbra, 2000, pp. 73- 83.
- LOPES, André Leme, *Moralidade e justiça na historiografia antiga: o ‘manual’ historiográfico de Luciano de Samósata*, São Paulo, 2006.
- MARTÍN GARCÍA, José A., *Los filósofos cínicos y la literatura moral serioburlesca*, Volumes I e II, Ediciones Akal, Madrid, 2008.
- MARTIN, R. P., *O Sotaque Cita: Anacársis e os cínicos*, in: *Os cínicos - o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*, São Paulo, 2007, pp. 153-174.
- MATUREN, Geoffrey Mark, *Making Pepaideumanoi: Lucianic Reflections on Second Century Greek Culture - Chapter 4: Lucian on Cultural Identity and Symbolic Production*, University of Michigan, 2009.
- MESTRE, Francesca, *Anacharsis, The Wise Men from Abroad*, Barcelona, 2003.
- MONTANELLI, Indro, *História dos Gregos*, Ibrasa, 1962.
- MURACHCO, Henrique J., *Diálogo dos Mortos – Luciano*, São Paulo, 2008, pp. 26-31.

PENELLA, Robert J., “Anacharsis in a Letter of Apollonius of Tyana”, *CQ n.s.* 38, 2 (1988), pp. 570-572.

PETERSON, Anna Irene, *Laughter in the Exchange: Lucian’s Invention of the Comic Dialogue*, The Ohio State University, 2010.

POPESCU, Valentina, *Lucian’s Paradoxa: Fiction, Aesthetics, and Identity* - Chapter 2.3. *Mastering Paradoxography: The Scythian or the Proxenos*, University of Lasy, June 2009.

PORTELA, Joana: “Amadorismo e profissionalismo na Grécia antiga”, in: *O espírito olímpico no início do novo milénio*, Coimbra, 2000, pp. 85- 94.

RICE, Tamara Talbot, *Os Citas*, Editorial Verbo, 37ª volume, Março 1974.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos de História da Cultura Clássica, I Volume - Cultura Grega*, Fundação Calouste Gulbenkian, 10ª edição, Lisboa, 2006.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da: “Os vencedores dos Jogos: a glória na arte”, in: *O espírito olímpico no início do novo milénio*, Coimbra, 2000, pp. 23-43.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Helade – Antologia da Cultura Grega*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 6ª edição, Coimbra, 1995.

SILVA, Maria de Fátima: “Os jogos olímpicos na Grécia antiga. Um certame de ideal e de glória”, in: *O espírito olímpico no início do novo milénio*, Coimbra, 2000, pp. 57-72.

VALVERDE GARCÍA, Alejandro, *El Icaromenipo de Luciano de Samósata: Un Ejemplo de Sátira Menipea*, 1999, pp. 225-234.

VERNANT, Jean-Pierre *et alii.*, *O homem grego*, Editorial Presença, Lisboa, 1993.